

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CAMPUS FREDERICO WESTPHALEN  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO  
JORNALISMO - BACHARELADO**

Bruno Rocha Bianchi

**A COBERTURA JORNALÍSTICA SOBRE A CHINA: UM ESTUDO DISCURSIVO  
DA *FOLHA DE SÃO PAULO***

Frederico Westphalen,  
RS 2023

**Bruno Rocha Bianchi**

**A COBERTURA JORNALÍSTICA SOBRE A CHINA: UM ESTUDO DISCURSIVO  
DA FOLHA DE SÃO PAULO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Jornalismo, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), campus de Frederico Westphalen, como requisito parcial para a obtenção do título de **Bacharel em Jornalismo**.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup>. Andréa Franciéle Weber

Frederico Westphalen,  
RS 2023

**Bruno Rocha Bianchi**

**A COBERTURA JORNALÍSTICA SOBRE A CHINA: UM ESTUDO DISCURSIVO  
DA FOLHA DE SÃO PAULO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo – Bacharelado, do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria, Campus Frederico Westphalen (UFSM/FW), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Jornalismo**.

**Aprovado em 06 de dezembro de 2023:**

---

Profa. Dra. Andréa Franciéle Weber (UFSM/FW) – Presidente da Banca

---

Profa. Dra. Angela Zamin (UFSM/FW) – Primeiro Arguidor

---

Prof. Dr. Rafael Foletto (UFSM/FW) – Segundo Arguidor

---

Prof. Dr. Gonzalo Prudkin – Suplente

Frederico Westphalen,  
RS 2023

*"Life is good though  
I want you to see that life is great  
Your life is great too  
Have a good time man  
Have some fun  
Having fun is okay  
Get some love in your life  
Whether that be another person  
Or loving yourself, man  
Love is good, spread love"  
(Mac Miller)*

## **AGRADECIMENTOS**

E não é que acabou? Sempre pensei que minha vez estivesse longe, mas agora ela tá aqui me chamando. E quem sou eu pra não ir?

Uma das minhas músicas preferidas se chama “Carnaval” da banda Ventre, sinto que ela representa muito minha relação com a vida adulta. Aprender que ser adulto ou maduro não é ser sozinho, e depois de toda fase difícil ainda existe um “carnaval”, foi essencial no meu desenvolvimento. Conheci a música antes de aprender essas lições, mas quanto mais o tempo passa mais a letra faz sentido pra mim.

À minha família só consigo sentir gratidão. Desde que consigo lembrar, recebo apoio incondicional de todos vocês em qualquer escolha da minha vida. Meus pais Érico e Andrea compartilho essa vitória com vocês que estiveram sempre ao meu lado me amando e encorajando. Ao meu tio José “mano” Antônio Júnior e minha avó Santa Catarina sei que sempre pude e sempre vou poder contar com vocês. E ao meu avô José Antônio Oliveira Rocha, que mesmo não estando mais presente, sei que estaria orgulhoso de mim.

Às pessoas que se tornaram uma segunda família aqui em Frederico Westphalen, sinto que deveria pedir desculpas por não ser tão presente quanto gostaria. Não pensei que fosse encontrar companhias com tamanha sinergia como a do nosso grupo. As risadas e momentos que compartilhamos sempre vão fazer parte de quem eu sou. À Melissa Sayuri, além de fazer parte disso tudo, preciso agradecer por todo apoio e segurança que tu me destes ao longo deste ano que foram fundamentais para este resultado. Espero que os anos que vêm pela frente sejam tão bons quanto esse.

Agradeço à Professora Doutora Andréa Franciéle Weber por me orientar nessa jornada e compartilhar seu conhecimento comigo. Também faço um agradecimento especial à Professora Doutora Angela Zamin e ao Professor Doutor Rafael Foletto, que gentilmente aceitaram meu convite para constituírem a Banca.

Com sinceridade, cada desafio superado e cada conquista alcançada é um reflexo do suporte e encorajamento que tenho recebido ao longo dos anos de todos. Que possamos compartilhar e celebrar mais vitórias como esta, enquanto seguimos construindo memórias e fortalecendo os laços que nos unem.

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo problematizar o discurso midiático do jornal *Folha de São Paulo* (FSP) sobre a China. Tomando como acontecimento discursivo a mudança de presidentes do Brasil, de Jair Messias Bolsonaro (2019-2022) para Luiz Inácio Lula da Silva (2023 em diante). A escolha da *Folha de S. Paulo* como objeto de estudo deve-se ao seu papel de jornal referência no Brasil, tanto internamente como no exterior, servindo como referência para outros meios de comunicação. Tendo como corpus as primeiras notícias veiculadas digitalmente na editoria “Mundo” da FSP de julho de 2022 até junho de 2023 com o termo “China” no título, gerando um total de 12 notícias, sendo seis de cada ano. Partindo da hipótese que existem diferenças nos discursos sobre a China veiculados pela *Folha de São Paulo*, devido às ideologias contrastantes de Luiz Inácio Lula da Silva e Jair Messias Bolsonaro. Para questões metodológicas esta pesquisa se insere no campo da Análise do Discurso (AD) com respaldo em Pêcheux (1975), Orlandi (2005, 2007) e Gregolin (2003, 2007), busca-se nas notícias os sentidos inscritos para China pela FSP. Ao aplicar esses métodos e conceitos à análise do discurso da FSP sobre a China, este trabalho almeja oferecer uma contribuição para a compreensão das representações midiáticas, destacando as nuances ideológicas e discursivas em um contexto político complexo e dinâmico como o brasileiro.

**Palavras-chave:** Jornalismo; Análise do Discurso; paráfrase; Sentido; Subjetividade jornalística; China; Folha de São Paulo

## ABSTRACT

This paper aims to discuss the media discourse of the *Folha de São Paulo* (FSP) about China. Taking as a discursive event the change of presidents in Brazil, from Jair Messias Bolsonaro (2019-2022) to Luiz Inácio Lula da Silva (2023 onwards). The choice of *Folha de S. Paulo* as the object of study is due to its role as a reference newspaper in Brazil. Having an indispensable role both internally and externally, serving as a reference for other media. Using as corpus the first news published digitally in the FSP “Mundo” editorial from July 2022 to June 2023 with the term “China” in the title, ending with the result of a total of 12 news items, six from each year. Leaving from the hypothesis that there are differences in the discourses about China conveyed by *Folha de São Paulo*, due to the contrasting ideologies of Luiz Inácio Lula da Silva and Jair Messias Bolsonaro. For methodological issues, this research falls within the field of Discourse Analysis (AD) with support from Pêcheux (1975), Orlandi (2005, 2007) and Gregolin (2003, 2007), seeking in the news the meanings inscribed for China by the FSP . By applying these methods and concepts to the analysis of the FSP discourse on China, this work also offers a substantial contribution to the understanding of media representations, highlighting the ideological and discursive nuances in a complex and dynamic political context such as Brazil.

**Keywords:** Journalism; Discourse Analysis; paraphrase; Meaning; Journalistic subjectivity; China; Folha de São Paulo

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Página da editoria “Mundo” dedicada a notícias sobre a China	19
Figura 2 - Gráfico presença de paráfrases relacionadas aos campos semânticos	50
Figura 3 - Gráfico do ano das notícias	51

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Seleção do Corpus	32
Quadro 2 - Localização das notícias	38

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>1. JORNALISMO INTERNACIONAL</b>	<b>15</b>
1.1 HISTÓRIA E ATUALIDADE DO JORNALISMO INTERNACIONAL	15
1.2 O JORNALISMO INTERNACIONAL NA FOLHA DE SÃO PAULO	17
<b>2. CONTEXTO HISTÓRICO</b>	<b>21</b>
2.1 POLÍTICA CHINESA NO SÉCULO XX E XXI	21
2.2 A GUERRA FRIA E A CHINA	24
<b>3. REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO</b>	<b>26</b>
3.1 ANÁLISE DO DISCURSO	26
3.2 CORPUS E ETAPAS DE PESQUISA	32
<b>4. A CHINA COM BOLSONARO E LULA: O DISCURSO DO JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO</b>	<b>36</b>
4.1. A PROCEDÊNCIA DAS INFORMAÇÕES	36
4.2 OS SENTIDOS DE SUSPEITA	39
4.2 GUERRA FRIA 2.0	44
4.3 BELICOSIDADE	45
4.4 GOVERNOS BOLSONARO E LULA	49
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>52</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>55</b>

## INTRODUÇÃO

A mídia exerce papel importante no cotidiano da população, principalmente os jornais, que são órgãos formadores de opinião e influenciam o modo como o mundo é visto e interpretado pelos leitores, tendo papel crucial na construção do imaginário social da população. Isso se manifesta de forma ainda mais sólida quando se trata de um país fechado e envolvido em tamanhos contrastes culturais e políticos com o ocidente como a China.

Compreender o papel da mídia na construção do imaginário social da população em relação à China é fundamental para uma sociedade informada, crítica e participativa. Por meio dessa observação, é possível promover um olhar mais abrangente e contextualizado acerca da China, evitando generalizações simplistas e estereótipos prejudiciais. Além disso, a compreensão das dinâmicas envolvidas na produção e disseminação do discurso midiático sobre a China contribui para uma reflexão mais profunda sobre o impacto da mídia na construção de significados e identidades na sociedade contemporânea.

A falta de informações sobre a China na mídia em geral, aliada ao distanciamento geográfico e social, contribui para a criação de conceitos baseados em narrativas construídas para suprir as lacunas informacionais existentes. Diante desse contexto, este trabalho busca analisar o discurso da *Folha de São Paulo*, na editoria Mundo, no último semestre do governo Bolsonaro (2022) e no primeiro semestre do governo Lula (2023), a respeito da relação sino-brasileira. Por meio dessa análise, busca-se compreender o discurso mobilizado pelo jornal sobre esses dois países.

A significação da China, Brasil e suas relações na *Folha de São Paulo* (FSP), nos diferentes governos, pode ser compreendida através da análise dos discursos veiculados pelo jornal ao longo do tempo.

A escolha do tema se deve ao grau de importância que a China alcançou na mídia mundial no século XXI. Sabe-se que há 40 anos a China tem se desenvolvido de forma surpreendente, mesmo após ter passado metade do século passado envolvida em problemas como fome, guerras, revoluções e disputas políticas (POMAR, 2003, p. 15). Segundo o Portal G1 (2011), em 2010, a China ultrapassou o Japão, se tornando a segunda maior economia do mundo, virando interesse de vários governos do mundo todo como parceiro econômico. Assim, a mídia ocidental

tem dado enfoque ao país asiático, despertando interesse dos leitores ocidentais pelo país.

A hipótese deste estudo é que existem diferenças nos discursos sobre a China veiculados pela *Folha de São Paulo*, em 2022 e 2023, devido às ideologias contrastantes de Luiz Inácio Lula da Silva e Jair Messias Bolsonaro. Lula, durante seu terceiro mandato como presidente do Brasil, adotou uma postura mais voltada para a cooperação e estreitamento de laços da relação sino-brasileira, buscando fortalecer as relações comerciais e políticas entre os dois países. Por outro lado, Bolsonaro, durante seu governo, demonstrou uma abordagem mais crítica sobre o país asiático, especialmente em questões comerciais e de direitos humanos. Essas diferenças ideológicas entre os líderes políticos podem ter influenciado a forma como o jornal *Folha de São Paulo* construiu seu discurso sobre a China.

Este estudo envolve uma análise do discurso presente nas reportagens relacionadas à China publicadas pela *Folha de São Paulo* em um período específico, considerando diferentes momentos e contextos políticos. Através dessa análise, foram identificadas as principais tendências e padrões discursivos adotados pela *Folha* em relação à China, buscando compreender como as posições políticas influenciaram a representação do país asiático pelo jornal brasileiro. Com base nessa investigação, espera-se contribuir para o entendimento mais aprofundado das relações entre geopolítica, jornalismo e discurso na mídia contemporânea.

Nos objetivos específicos, buscou-se analisar:

- Os sentidos inscritos para a China;
- Origem geográfica e autoria dos textos;
- Campos semânticos de sentidos recorrentes.

Ao analisar a relação entre Brasil e China, é essencial levar em consideração o contexto histórico e geopolítico em que essa dinâmica se desenvolve. Isso implica examinar as mudanças nas políticas externas adotadas por ambos os países ao longo do tempo. Segundo Oliveira (2004, p. 8), a relação sino-brasileira tem sido marcada por transformações significativas, desde a aproximação diplomática na década de 1970 até o estabelecimento de uma parceria estratégica abrangente a partir dos anos 1990. Além disso, é fundamental considerar a influência de outros

atores internacionais na região, especialmente os Estados Unidos, que têm demonstrado um interesse crescente no relacionamento entre Brasil e China. A compreensão desse contexto mais amplo permitirá uma análise mais completa e precisa dos discursos e das ações dos governos brasileiro e chinês, bem como de suas interações, na transição do mandato de Jair Bolsonaro para o de Lula.

De acordo com Huguene (2011), os laços sino-brasileiros têm se tornado cada dia mais relevantes, já que a partir de 2009, a China estabeleceu-se como o principal parceiro comercial do Brasil e, em 2010, tornou-se também o maior investidor no país. Essa relação reflete a complementaridade existente entre as economias brasileira e chinesa. Segundo Hirartuka e Sarti (2016, p. 84), o Brasil possui uma abundância de recursos naturais, como *commodities* agrícolas e minerais, que despertam o interesse da China, que, por sua vez, é uma potência industrial e consumidora desses recursos.

Segundo Pinto (2011), essa complementaridade gera oportunidades de comércio e investimentos bilaterais significativos, impulsionando o crescimento econômico de ambos. Além disso, a influência da China no cenário global tem aumentado, tanto em termos econômicos quanto políticos, o que fortalece a importância estratégica da relação entre os dois países. À medida que o país asiático busca expandir seus laços comerciais e influência em diferentes regiões do mundo, o Brasil emerge como um parceiro estratégico, especialmente na América Latina. Essa relevância crescente da relação sino-brasileira tem implicações importantes para as políticas econômicas, comerciais e de cooperação entre os dois países, e pode desempenhar um papel significativo no desenvolvimento futuro do Brasil.

Conforme argumentado por Gregolin (2003), o discurso midiático utiliza estratégias discursivas que moldam a percepção coletiva de determinados eventos, lugares ou pessoas, construindo assim o imaginário social associado a eles. Por meio da seleção, produção e disseminação de informações, molda a percepção coletiva, constrói narrativas e estabelece agendas públicas. Ainda segundo o autor, por meio de suas reportagens, artigos e notícias, os jornais têm o poder de moldar as opiniões, crenças e valores do público, influenciando a maneira como as pessoas percebem o mundo ao seu redor. Além disso, os portais de notícias desempenham

um papel essencial na construção da identidade coletiva, ao retratar histórias e eventos que são significativos para a sociedade (GREGOLIN, 2003).

A escolha de analisar o discurso midiático sobre a China se baseia na relevância das mídias na sociedade, uma vez que elas têm alcance em diversas classes sociais e desempenham um papel na construção do imaginário social. Segundo Biagi (2001), a expressão "imaginário social" refere-se à edificação coletiva de conceitos, representações e narrativas que uma sociedade compartilha em relação a um período ou evento histórico específico. Conforme observado por Gregolin (2003), a mídia desempenha um papel crucial na construção da narrativa do tempo presente. É importante ressaltar que nossa compreensão e conhecimento sobre a China são mediados pela mídia, principalmente através dos veículos jornalísticos e televisivos, devido ao isolamento que o país asiático enfrentou ao longo de décadas.

De acordo com Gregolin (2003, p. 57), o discurso midiático, objeto de nossa pesquisa, cria uma ilusão de unidade de sentido, atuando como mediador entre o leitor e a realidade. Isso faz com que o leitor tenha a percepção de um único sentido da realidade transmitida pelos meios de comunicação. Essa ilusão é construída por meio da aparente neutralidade e objetividade dos discursos midiáticos, que se apresentam como detentores da verdade dos fatos, como a única fonte confiável de informação. No entanto, é importante ressaltar que os discursos midiáticos são representações da realidade, filtradas pela perspectiva da instância de produção, e criam efeitos de sentido que são apresentados como verdades absolutas.

Como uma potência global em ascensão, a China desperta interesse e atenção significativos tanto por parte dos veículos de comunicação quanto do público em geral. No entanto, é essencial reconhecer que o jornalismo nem sempre é imparcial ou objetivo. Ele pode ser influenciado por diversos fatores, como interesses políticos, econômicos e culturais. Portanto, uma análise dos textos jornalísticos informativos da *Folha de São Paulo* sobre a China utilizando a análise de discurso, permite compreender os sentidos atribuídos à China.

Após um olhar aprofundado das condições de produção do discurso midiático brasileiro em relação à China, voltamos nossa atenção para a materialidade dos dados coletados. Nessa etapa, buscamos identificar os padrões presentes nos discursos veiculados, por meio das quais é possível vislumbrar o funcionamento

subjacente a essas narrativas. Nosso objetivo é desvelar as relações de poder que permeiam o discurso sobre a China e compreender a imagem que o jornal constrói sobre esse país asiático.

## **1. JORNALISMO INTERNACIONAL**

### **1.1 HISTÓRIA E ATUALIDADE DO JORNALISMO INTERNACIONAL**

Segundo Natali (2007), o surgimento da editoria internacional tornou-se um marco importante na história do jornalismo, pois foi a partir desse momento que a coleta e a divulgação de notícias de terras distantes começaram a ser sistematizadas. Essa editoria teve início no século XVI e, desde então, passou por significativas transformações impulsionadas pelos avanços tecnológicos (NATALI, 2007).

Natali (2007) fala sobre como o jornalismo já tinha uma natureza internacional desde o seu surgimento. O autor destaca que, ao contrário do que muitos pensam, o início do jornalismo internacional não ocorreu no século XIX, embora esse tenha sido um período de significativo crescimento dessa área editorial. Naquela época, a expansão do império colonial britânico levou os jornais impressos a ampliarem sua cobertura geográfica. Nos Estados Unidos, a presença de imigrantes europeus também fortaleceu a cobertura internacional, uma vez que esses imigrantes demandavam informações específicas de várias partes do mundo, principalmente da Europa.

Ainda de acordo com Natali (2007), por volta de 1970, os principais jornais brasileiros investiram na formação de equipes de correspondentes internacionais localizados nos principais centros urbanos ao redor do mundo. Esses correspondentes desempenhavam um papel fundamental na coleta e divulgação de informações relevantes de diversas partes do globo, permitindo ao público ter acesso a uma cobertura abrangente dos acontecimentos internacionais.

No entanto, ao longo do tempo, as empresas de mídia têm enfrentado desafios financeiros significativos. Conforme destacado por Natali (2007), os custos envolvidos na manutenção dessas equipes de correspondentes internacionais se

toraram cada vez mais elevados. O investimento necessário para manter uma equipe de profissionais espalhados pelo mundo, com despesas como salários, deslocamentos, hospedagem e segurança, tem se mostrado uma carga financeira difícil de ser sustentada, mesmo para as principais empresas de mídia do Brasil.

Desde o final do século XXI, as agências de notícias desempenham um papel fundamental na transmissão de um vasto volume de informações e conteúdos para os diversos veículos de mídia (NATALI, 2007). No entanto, é importante ressaltar que nem todas as informações produzidas podem ser incluídas. Os jornalistas têm a responsabilidade de selecionar e filtrar as notícias com base em diversos critérios, especialmente na editoria internacional, na qual são exigidos critérios rigorosos. Conforme Natali (2007, p. 10-11), nenhuma outra seção do jornal elimina uma quantidade tão notável de informações. Isso também indica que nenhuma outra seção necessita aplicar critérios tão apurados e qualificados na seleção.

Apesar dos desafios, o jornalismo internacional continua a ser uma força vital na sociedade globalizada atual, fornecendo uma visão panorâmica dos eventos que moldam nosso mundo. Ao relatar com precisão, contextualizar e analisar eventos internacionais, o jornalismo internacional desempenha um papel crucial na promoção do diálogo e no combate à desinformação.

Segundo Cádima (2012), atualmente, o jornalismo internacional enfrenta um cenário desafiador, influenciado tanto por questões financeiras quanto pela introdução das tecnologias digitais na produção de notícias. Por um lado, manter escritórios e correspondentes em diferentes regiões do mundo representa um alto custo para as empresas de mídia, enquanto por outro lado, o público interessado nesse tipo de informação é mais restrito (WILLIAMS, 2011). Ainda, segundo Cádima (2012), as tecnologias digitais possibilitam um acesso mais prático e econômico às informações, muitas vezes produzidas gratuitamente por cidadãos. Isso resulta na redução do número de correspondentes internacionais e em uma crescente homogeneização do noticiário, que passa a se basear em fontes virtuais comuns ou nas agências internacionais de notícias. Essa dinâmica tem impactos na diversidade e na pluralidade do jornalismo internacional, levantando questões sobre a independência editorial e a qualidade da cobertura dos eventos globais (WILLIAMS, 2011).

Segundo Williams (2011), o jornalismo internacional desempenha um papel essencial na era moderna, à medida que as fronteiras se tornam cada vez mais permeáveis e as questões globais se entrelaçam. Essa forma de jornalismo busca fornecer informações precisas e análises aprofundadas sobre eventos e questões que ocorrem em diferentes partes do mundo, permitindo que as pessoas compreendam melhor a complexidade dos assuntos internacionais. Ao oferecer uma perspectiva global, o jornalismo internacional possibilita que os cidadãos estejam informados sobre as políticas, os desenvolvimentos econômicos, as questões sociais e culturais em diversos países, contribuindo para uma visão mais ampla e abrangente do mundo (WILLIAMS, 2011).

No entanto, o jornalismo internacional enfrenta desde seu começo uma série de desafios. Segundo Hohenberg (1981), a censura governamental é um obstáculo significativo, com governos autoritários restringindo a liberdade de imprensa e limitando o acesso a informações independentes. Além disso, segundo Santos (2021, p. 20), a disseminação de desinformação e notícias falsas torna-se uma preocupação cada vez maior, comprometendo a credibilidade e a confiança nas fontes de notícias internacionais.

## **1.2 O JORNALISMO INTERNACIONAL NA *FOLHA DE SÃO PAULO***

A *Folha de São Paulo* é um dos jornais de referência no Brasil. Segundo Zamin (2014), pode-se definir o Jornalismo de Referência como jornais que desempenham um papel indispensável tanto internamente, influenciando a elite formadora de opinião, como externamente, servindo como referência para outros meios de comunicação. Este estilo de jornalismo foca sua atenção em uma determinada área do espaço público, tipicamente o país ao qual está dedicado.

O jornal tem como objetivo aproximar a pauta jornalística da vivência concreta do leitor, conforme expresso em seu Manual (FSP, 2021). Dessa forma, a *Folha* se considera capaz de acompanhar as transformações sociais em tempo real e assume a responsabilidade de transmitir informações de maneira confiável. No Manual, a empresa projeta uma imagem de credibilidade e autoridade, enfatizando sua capacidade de atender às demandas da sociedade pós-moderna e demonstrando

consciência das necessidades do leitor. Essa postura reforça a percepção de que a FSP exerce controle sobre seu discurso, posicionando-se como detentora do poder de informar e interpretar os eventos do mundo de maneira relevante e pertinente, conforme se observa em:

Produtores de conteúdo de qualidade e registro histórico como a Folha têm o desafio de fazer prevalecer os valores do jornalismo profissional na cacofonia própria do meio digital, era que informação e entretenimento, realidade e rumor, notícias e "notícias falsas" tendem a se confundirem quase tudo se expressa com igual estridência, reproduzido de forma desligada do contexto original. (FSP, 2021, p. 19).

Como em qualquer veículo de mídia, a abordagem editorial da *Folha* pode ser influenciada por interesses comerciais, políticos ou ideológicos, o que pode resultar em uma cobertura seletiva ou tendenciosa de determinados assuntos. Além disso, é importante considerar a necessidade de diversidade e pluralidade de perspectivas no jornalismo, garantindo a representação de diferentes grupos e vozes na sociedade.

A editoria internacional do jornal FSP se chama "Mundo" e surgiu em 1921, mesmo ano de fundação, com publicação diária. Natali (2007) oferece uma visão sobre o funcionamento da editoria "Mundo" em uma grande redação jornalística. O autor também fala sobre como as agências de notícias, como a *Reuters*, a *Associated Press* (AP), e a *Agence France-Presse* (AFP), têm como objetivo principal vender suas notícias através da disseminação de informações de um país para outros países e veículos de comunicação. Nesse processo, é difícil evitar que as notícias reflitam um posicionamento, um ponto de vista ou enfatizem o que é de maior interesse para a perspectiva ideológica ou a região de origem da agência (NATALI, 2007).

Segundo Agnez (2015, p. 317), a produção de notícias de alcance global, por meio de correspondentes próprios, tem se tornado uma prática de alto custo no atual panorama. No Brasil, somente os renomados meios de comunicação, concentrados nos principais polos econômicos do país, ainda mantém profissionais no exterior. Ainda segundo Agnez (2015, p. 317), as emissoras de televisão e rádio de âmbito regional apresentam uma oferta escassa ou nula de conteúdo internacional, ao passo que os jornais impressos regionais, mesmo com sua seção "Mundo", dependem principalmente de recursos extraídos da internet ou obtidos por meio de

agências internacionais ou públicas, que disponibilizam tal conteúdo de forma gratuita. Essa dinâmica retrata os desafios enfrentados pelo jornalismo de abrangência internacional, com restrições financeiras e uma maior dependência de fontes externas, as quais impactam a diversidade e a amplitude da cobertura de temas globais no âmbito regional.

Figura 1 - Página da editoria “Mundo” da FSP dedicada a notícias sobre a China



Fonte: *Folha de São Paulo*

Segundo Natali (2007), as agências de notícias atuam como empresas que vendem assinaturas de seus produtos comunicacionais para outros veículos de comunicação. Essas assinaturas incluem uma variedade de conteúdos, como notícias, imagens e vídeos provenientes de diversos locais ao redor do mundo, onde as agências têm suas bases e escritórios estabelecidos. Natali também destaca que, na prática, essas agências desempenham um papel fundamental ao facilitar o processo de reprodução e distribuição de informações para os grandes conglomerados midiáticos em diferentes países. Ao fornecerem um fluxo constante de notícias e recursos visuais de qualidade, as agências de notícias contribuem para a formação de uma rede global de informação, permitindo que os veículos de comunicação tenham acesso a conteúdo atualizado e diversificado para compartilhar com seu público.

Natali (2007), explica que agências internacionais contam com uma rede de colaboradores, articulistas e analistas espalhados por sedes e escritórios em várias

partes do mundo, enviando notícias para as redes centrais que, por sua vez, as distribuem para diversos meios de comunicação. Inicialmente, as principais áreas de enfoque das agências eram informações econômicas, dados sobre agricultura e mineração. No entanto, atualmente, essas agências investem em tecnologia, correspondentes, análises e cobertura de eventos internacionais, representando grandes conglomerados de comunicação que abrangem diversos setores, desde o jornalismo até o entretenimento (NATALI, 2007). Dessa forma, elas muitas vezes se tornam representantes do país de origem das agências, exercendo influência na divulgação de notícias e informações em escala global.

Na história do Jornalismo, a ascensão da bandeira de determinada agência esteve estreitamente atrelada à bandeira do país em que ela instalou sua sede e no qual fincou interesses. A França, o Reino Unido e os EUA foram países em ascensão no momento em que a industrialização os projetava por suas ambições expansionistas e por seu poderio industrial e mercantil. E, também, pelo poderio de sua imprensa. Em outras palavras, a história do jornalismo internacional é de algum modo a história dos vencedores. (NATALI, 2007, p. 32).

De acordo com Natali (2007), há uma distinção entre o correspondente internacional e o enviado especial no jornalismo. O correspondente é um jornalista que reside permanentemente em um determinado país, geralmente em capitais, e tem a responsabilidade de enviar regularmente matérias sobre o país em que está baseado, ou até mesmo sobre um continente inteiro, em alguns casos. Já o enviado especial é designado para cobrir um país específico ou um assunto pré-acordado, muitas vezes algo incomum ou extraordinário. Em ambos os casos, segundo Natali, as agências de notícias podem desempenhar um papel determinante na distribuição dessas notícias. Natali destaca que certas notícias recebem prioridade na editoria. Por exemplo, as guerras são consideradas importantes, embora sua relevância possa variar dependendo do local onde ocorrem. Eleições em países vizinhos ou com grande influência são frequentemente pautadas. Além disso, tragédias inesperadas e grandes epidemias também entram na lista de assuntos prioritários.

No entanto, é importante ressaltar que o jornalismo internacional vai além desses temas estabelecidos. Segundo Almeida (2018), a diversidade e a complexidade dos acontecimentos globais exigem uma abordagem mais abrangente, que leve em consideração a variedade de perspectivas e realidades presentes em diferentes regiões do mundo. Ainda, segundo Almeida (2018), os

profissionais de jornalismo têm o desafio de ir além das pautas pré-definidas e explorar questões emergentes, como as mudanças climáticas, as desigualdades socioeconômicas, os movimentos sociais e as transformações políticas e culturais. Além disso, é essencial garantir a pluralidade de vozes e a representatividade nas narrativas jornalísticas, evitando assim a perpetuação de imagens criadas no imaginário popular.

O jornalismo internacional, segundo Thompson, (1999, p. 65), desempenha um papel fundamental na construção de uma consciência global, ao fornecer informações precisas, contextualizadas e diversificadas, que contribuem para a compreensão mútua entre os povos e o fortalecimento do diálogo intercultural. Nesse sentido, é fundamental que os jornalistas se mantenham atualizados, desenvolvam habilidades de análise crítica e estejam abertos ao constante aprendizado, a fim de desempenhar um papel relevante na cobertura e na interpretação dos eventos que ocorrem além das fronteiras nacionais.

## **2. CONTEXTO HISTÓRICO**

### **2.1 POLÍTICA CHINESA NO SÉCULO XX E XXI**

Para entendermos a significação da China na mídia contemporânea do Ocidente, é crucial entender os motivos dela receber tamanho holofote hoje, no século XXI. A China, além de ser o país mais populoso e a segunda maior economia do mundo, atrás somente dos EUA (CAI, 2022), é um dos candidatos a mais nova superpotência (COUTO, 2008).

Ainda segundo Couto (2008), o país desde antes da revolução comunista, que aconteceu em 1927, já tinha políticas de isolamento, coisa que ganhou mais força após a revolução de Mao Tse Tung no século passado. Segundo De Santana (2009), a revolução de Mao ocorreu na segunda metade dos anos 1950, tendo início um processo de revisão política impulsionado pelas resoluções do XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética. Nesse evento, a política de "coexistência pacífica" foi reafirmada e consolidada. Como resultado, a exclusividade do caminho armado para a revolução socialista foi abandonada, dando lugar à ideia da transição pacífica do capitalismo para o socialismo (DE SANTANA, 2009).

De acordo com as observações de Castelli (2023), a retórica chinesa referente à ascensão e ao desenvolvimento pacífico, desde o período maoísta até os dias atuais, exerce uma influência contínua na política externa da China. Essa abordagem pode ser considerada como um ponto central para compreender a postura pacífica do país ao longo do século XXI. Conforme destacado por Castelli (2023), essa orientação pacífica se reflete nas iniciativas diplomáticas e nas estratégias econômicas implementadas pelo governo de Xi Jinping. Tais ações visam promover o papel global da China de maneira harmoniosa, evitando confrontos.

Segundo Daróz (2021), a última guerra em que a China esteve diretamente envolvida foi o conflito sino-vietnamita em 1979, que durou cerca de um mês. Desde então, a China tem mantido uma postura de paz, evitando conflitos militares diretos com outras nações por um período significativamente longo. É importante observar que houve disputas territoriais e tensões com outros países, mas essas questões geralmente foram resolvidas por meios diplomáticos, e a China tem evitado a escalada para conflitos armados em grande escala (DARÓZ, 2021).

Conforme Castelli (2023), a visão de ascensão pacífica defendida pela China se reflete em sua ênfase na diplomacia econômica, na cooperação internacional e na busca por soluções negociadas para questões globais. O governo de Xi Jinping tem enfatizado a construção de parcerias multilaterais, como a Iniciativa do Cinturão e Rota, que visa promover a conectividade e a cooperação econômica com várias nações em todo o mundo (CASTELLI, 2023).

Segundo Chen (2012), mesmo com a política de distanciamento de outros países e pacificidade internacional, no ocidente, no final do século XIX, surgiu a ideia do "perigo amarelo", que encapsulava o temor ocidental de que as nações do Extremo Oriente pudessem assumir o controle global com valores que não se alinhavam com o modo de vida ocidental. Como um antecedente da sinofobia, a concepção do "perigo amarelo" se baseia na percepção do preconceito com pessoas amarelas como "outro", um invasor racialmente considerado inferior e com o potencial de perturbar a ordem da sociedade ocidental (CHEN, 2012).

Esse estereótipo não apenas influenciou a maneira como os chineses e outros asiáticos eram vistos no Ocidente, como também teve consequências políticas, sociais e econômicas significativas (CHEN, 2012). Ainda segundo o autor,

isso contribuiu, por exemplo, para justificar políticas discriminatórias, como as leis de imigração chinesas nos Estados Unidos, e reforçou a noção de superioridade ocidental em relação a outras culturas.

Outro tema que precisa ser mencionado são as ilhas de Taiwan e Hong Kong. De acordo com Sheng (2018), Hong Kong é uma entidade “independente”. Mas o seu crescimento depende, em grande parte, de recursos importados e de mercados externos, tendo como um dos seus principais parceiros os Estados Unidos. Um dos motivos para o apoio dos Estados Unidos a Hong Kong relaciona-se a acordos e tratados internacionais. Um exemplo notável é a Declaração Conjunta Sino-Britânica de 1984, que estabeleceu o princípio de "um país, dois sistemas" e garantiu um alto grau de autonomia a Hong Kong, por 50 anos após a transferência de soberania de volta à China, em 1997. Qualquer desrespeito a esses acordos provoca inquietação nos Estados Unidos e em outros países (SILVA, 2021).

Já Taiwan, segundo Pinheiro Machado (2010), possui um movimento separatista, com uma história de longa data, dado que seu território tem sido palco de ocupações por diversas potências ocidentais e orientais ao longo de dois mil anos. No entanto, os marcos fundamentais desse processo podem ser identificados nos anos de 1945 e 1950. Em 1945, a China recuperou o controle da ilha, que estava sob ocupação japonesa na época. Posteriormente, em 1950, os nacionalistas perderam a Guerra Civil Chinesa para os comunistas, levando o líder Chiang Kai-shek a se refugiar em Taiwan, onde estabeleceu a sede administrativa do governo nacionalista (PINHEIRO MACHADO, 2010).

Pinheiro Machado (2010) explica que inserida em um cenário global de intensa polarização geopolítica que fragmentou o mundo em blocos ideológicos após a Segunda Guerra Mundial, a China criou uma divisão ideológica dentro de seu território, estabelecendo uma dicotomia entre o continente e a ilha. Esse modelo assemelha-se a casos históricos, tais como a separação da Alemanha em Leste e Oeste e a divisão da Coreia em norte e sul.

Segundo Villa Boas (2022), o território com maior número de jornalistas *per capita* a nível mundial hoje em dia fica na China e se chama Macau, uma região autônoma assim como Taiwan e Hong Kong no sul da China. Essa estatística ressalta não apenas a presença robusta de profissionais de mídia em Macau, mas também questiona as razões por trás desse fenômeno. Pode-se conjecturar sobre

as influências políticas, econômicas e culturais que moldam o ecossistema jornalístico em uma região autônoma, especialmente considerando o contexto político peculiar da China.

Conforme relatado pela *Veja* (2021), a ONG Repórteres sem Fronteiras (RSF) divulgou um relatório que aponta para uma crescente repressão violenta enfrentada pela mídia na China. O documento estabelece uma análise comparativa entre o atual controle da mídia e os períodos mais rigorosos observados durante a presidência de Mao Tse Tung, compreendendo o intervalo de 1949 a 1976. Essa comparação sugere paralelos significativos, destacando a persistência ou intensificação de medidas restritivas sobre a liberdade de imprensa na China contemporânea. O relatório fornece uma base factual para a compreensão das condições atuais da imprensa no país asiático, sem envolver especulações ou conjecturas sobre o cenário futuro.

Em outro relatório da ONG Repórteres sem Fronteiras divulgado pelo portal de notícias R7 (2022), fala que a China ocupa a sexta pior posição na classificação global de liberdade de imprensa, em uma lista que abrange 180 países. O país, sob o comando do presidente Xi Jinping, fica à frente somente de nações como a Coreia do Norte e a Eritreia, além do Irã, Turcomenistão e Birmânia. A RSF destaca que a China abriga "a maior prisão do mundo para jornalistas", e seu governo conduz uma intensa campanha de repressão contra o jornalismo e o direito à informação em escala global.

## **2.2 A GUERRA FRIA E A CHINA**

De acordo com Biagi (2001), a Guerra Fria foi um marco crucial nas relações políticas globais que se desenrolou após o término da Segunda Guerra Mundial até 1989, representando um período de grande significado na história mundial. A queda do Muro de Berlim, em 1989, e o subsequente processo de desintegração da União Soviética, oficialmente concluído em 1991, marcaram o fim desse período. No entanto, é fundamental explorar a noção de "imaginário social" associada a esse fenômeno.

Conforme Biagi (2001) salienta, a Guerra Fria não se limitou a eventos geopolíticos, tratados e negociações; ela também se manifestou como uma construção social complexa. Como supracitado, o termo "imaginário social" descreve a construção coletiva de ideias, representações e narrativas compartilhadas por uma sociedade em relação a um determinado período ou evento histórico. Portanto, a Guerra Fria não se restringiu apenas a um confronto político e ideológico entre os Estados Unidos e a União Soviética, mas também representou uma narrativa cultural que moldou a perspectiva das pessoas sobre o mundo e as ações dos governos.

Dentro desse imaginário social da Guerra Fria, destacam-se vários elementos, tais como o temor de um conflito nuclear global, a rivalidade entre o capitalismo e o comunismo, a espionagem internacional, os conflitos em diversas partes do mundo e a propaganda divulgada por ambas as partes (BIAGI, 2007). Além disso, a Guerra Fria exerceu um impacto profundo na cultura popular, na literatura, no cinema e na arte, influenciando a produção artística e intelectual da época.

Segundo Gabriel Kolko (1994), os Estados Unidos desempenharam um papel fundamental na criação da Guerra Fria. De acordo com o autor, o governo dos Estados Unidos tinha motivações internas para construir o "inimigo" soviético. Os lucros substanciais da economia norte-americana durante o período de 1939 a 1945 foram impulsionados pelas demandas geradas pela Segunda Guerra Mundial, as quais declinaram após o término do conflito. No início de 1946, a produção industrial nos Estados Unidos sofreu uma queda de 30%, o que resultou em aumento do desemprego, uma situação que tenderia a piorar com a desmobilização das Forças Armadas.

Kolko (1994) também argumenta que a Guerra Fria foi uma manifestação do que é conhecido como "equilíbrio do terror", um conceito na teoria das relações internacionais que se baseia na estratégia de dissuasão. Ainda segundo Kolko (1994), ambas as superpotências, os Estados Unidos e a União Soviética, acumularam um vasto arsenal de armas nucleares, incluindo mísseis balísticos intercontinentais capazes de causar destruição em massa. Esse acúmulo de armas nucleares resultou em uma situação de "dissuasão mútua", na qual ambas as superpotências detinham o poder de infligir danos irreparáveis uma à outra em caso de confronto direto (KOLKO, 1994).

### **3. REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO**

#### **3.1 ANÁLISE DO DISCURSO**

A Análise do Discurso (AD) é uma abordagem teórico-metodológica que desempenha um papel crucial como em diversas esferas da vida cotidiana. Visa compreender como os discursos nas interações sociais diárias contribuem para a construção de sentidos, a promoção de ideologias e o estabelecimento de relações de poder. A AD parte do princípio de que a linguagem é um fenômeno social e político, permeado por relações de poder, ideologias e contextos específicos. Nesse sentido, a AD propõe a investigação dos mecanismos discursivos que constroem sentidos e produzem efeitos de sentido, revelando as relações de poder subjacentes e os processos ideológicos presentes nos discursos. Essa abordagem, que reconhece a linguagem como um fenômeno social e político, é amplamente aplicada em disciplinas como linguística, comunicação, sociologia e psicologia. Portanto, a AD não se restringe ao ambiente acadêmico, mas tem aplicações práticas relevantes no cotidiano.

O campo acadêmico da Análise do Discurso apresenta uma sólida base de estudos relacionados ao discurso midiático e à construção da representação identitária. Gregolin (2007), examina a construção da representação identitária no discurso midiático por meio de análise de imagens extraídas de reportagens publicadas no jornal FSP, assim como propagandas veiculadas no mesmo veículo.

O estudo de Gregolin (2007) demonstra que, por meio da interação entre discurso, história e memória, as imagens adquirem novos significados, conferindo-lhes valores ideológicos específicos. Um exemplo mencionado pela autora é a foto do presidente Lula dentro do carro da realeza britânica, estampada na primeira página da FSP, que, segundo a análise de Gregolin, se conecta a outros discursos, formando uma rede discursiva que propõe uma visão negativa da política.

A AD se baseia em um conjunto de fundamentos teóricos que contribuem para a compreensão das dinâmicas de significação presentes nos discursos. Dentre esses fundamentos, destaca-se o conceito de formação discursiva proposto por Michel Foucault em seu livro "A arqueologia do saber" (1969). Segundo Foucault,

uma formação discursiva é um conjunto de práticas discursivas que circulam em uma determinada época e espaço, estabelecendo os limites do que pode ser dito e como pode ser dito. A noção de formação discursiva é fundamental na AD, pois permite compreender como os discursos são moldados pelas condições históricas, sociais e ideológicas.

Outra influência importante na AD é a teoria do discurso de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe, apresentada no livro "Hegemonia e estratégia socialista: por uma política radical democrática" (1987). Laclau e Mouffe argumentam que o discurso não é apenas uma expressão de ideias individuais, mas também uma prática política que constrói identidades e antagonismos. Eles enfatizam a dimensão política do discurso e a importância de considerar as relações de poder e as lutas hegemônicas presentes nos discursos.

Na AD, há também uma preocupação com os aspectos formais e estruturais do discurso. A análise linguística desempenha um papel importante na identificação de elementos linguísticos que contribuem para a construção de sentidos. Entre as técnicas utilizadas na AD, destaca-se a análise do discurso do sujeito coletivo, desenvolvida por Eni Orlandi em seu livro "Análise de Discurso: princípios e procedimentos" (2005). Essa perspectiva busca identificar as vozes presentes em um discurso, as posições de sujeito assumidas e as identidades discursivas construídas.

Orlandi (2005, p.13) cita Pêcheux (1975) ao afirmar que não existe discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia, uma vez que o indivíduo é interpelado como sujeito pela ideologia, e é por meio da língua que isso adquire sentido. Como resultado, torna-se possível analisar a relação entre língua e ideologia no discurso, compreendendo de que maneira a língua produz sentidos por e para os sujeitos (ORLANDI, 2005). Essa perspectiva enfatiza a conexão intrínseca entre língua e ideologia, destacando que a linguagem não é uma ferramenta neutra, mas sim um espaço de construção e negociação ideológica. A análise do discurso nesse quadro revela as maneiras complexas pelas quais a linguagem molda e é moldada pelas estruturas ideológicas que permeiam a sociedade. Ao explorar a interação entre linguagem e ideologia, os pesquisadores obtêm *insights* sobre os mecanismos pelos quais os discursos refletem e reproduzem relações de poder, hierarquias sociais e hegemonia ideológica .

A Análise de Discurso, fundamentada nas abordagens históricas, psicanalíticas e linguísticas, adota uma postura crítica em relação à linguagem, reconhecendo sua natureza opaca e não transparente. Diferentemente de se concentrar exclusivamente no conteúdo explícito de um texto, a AD busca compreender a forma como o significado é construído no discurso. Nesse contexto, o texto é concebido como uma construção simbólica densa, repleta de significados, cuja discursividade se torna objeto de investigação dentro da AD (ORLANDI, 2005, p. 14).

Dentro do referencial teórico da Análise de Discurso, há o reconhecimento de que a língua possui uma ordem própria, que reintroduz a relevância do sujeito e do contexto. O sujeito da linguagem é concebido como descentralizado, sendo influenciado pelo real da língua e da história, e desprovido de controle absoluto sobre os efeitos que lhe são impostos (ORLANDI, 2005, p. 16). Em outras palavras, o sujeito discursivo opera por meio dos mecanismos do inconsciente e da ideologia, e as palavras, mesmo carregando significados desconhecidos, adquirem sentido individualmente e em relação aos demais (ORLANDI, 2005, p. 16).

A abordagem da Análise de Discurso transcende a concepção convencional do discurso como mera transmissão de informações. A AD reconhece a natureza complexa do discurso, envolvendo a constituição de sujeitos e a produção de significados. Nessa perspectiva, não há uma distinção rígida entre emissor e receptor, pois ambos desempenham papéis ativos no processo de significação. O discurso é entendido como um efeito de sentidos que emerge da interação entre os falantes, que constroem significados por meio de suas práticas discursivas (ORLANDI, 2005).

Essa abordagem da AD destaca a importância da análise dos discursos como forma de desvendar as relações entre linguagem, poder e ideologia. Através dessa análise, é possível compreender como os discursos são construídos, como produzem efeitos de sentido e como refletem as estruturas sociais e políticas presentes em contextos específicos. A AD proporciona uma compreensão crítica das práticas discursivas no cotidiano e seu impacto na construção das identidades individuais e coletivas (ORLANDI, 2005, p. 16).

No âmbito dos estudos discursivos, a Análise de Discurso (AD) adota uma abordagem que atribui relevância aos processos históricos na construção do sentido

linguístico (ORLANDI, 2005). Ainda segundo a autora, compreende-se que a linguagem não adquire sentido de forma isolada, mas encontra-se intrinsecamente interligada à trajetória histórica e às dinâmicas sociais. Tal abordagem analítica proporciona uma compreensão aprofundada da relação entre linguagem, história e sociedade, lançando luz sobre os mecanismos discursivos subjacentes aos fenômenos comunicativos.

A fim de compreender e analisar os intrincados processos de significação que permeiam o discurso, faz-se necessário empregar métodos apropriados e estabelecer um arcabouço teórico adequado. Nesse contexto, o analista do discurso desempenha um papel central, assumindo a responsabilidade de formular questões relevantes que orientem a análise e mobilizar os conceitos apropriados para abordar tais indagações (ORLANDI, 2005). Desse modo, a análise de discurso busca transcender a superfície textual, investigando os mecanismos e estruturas subjacentes à produção e à recepção dos discursos, revelando as intrincadas relações entre linguagem, ideologia e história. Por meio dessa abordagem, é possível desvelar as múltiplas camadas de significação presentes nos discursos, revelando os processos discursivos e sociais que moldam e influenciam a comunicação humana.

A análise de discurso é permeada pela compreensão da exterioridade e das condições de produção que cercam um texto, abrangendo os sujeitos envolvidos, a situação comunicativa e o contexto mais amplo. Dentro dos estudos discursivos, a memória ocupa um lugar de destaque na produção discursiva e é considerada como um interdiscurso, referindo-se ao que foi dito anteriormente, em outros espaços, de maneira autônoma (ORLANDI, 2005, p.29). De acordo com Orlandi (2005, p.29), a memória discursiva é um elemento que influencia e molda o discurso, sendo acionada e mobilizada pelos sujeitos discursivos durante os processos de produção e interpretação. A memória discursiva funciona como um arquivo de formações discursivas pré-existentes que são atualizadas e ressignificadas no contexto atual, contribuindo para a construção de sentidos e significados. Portanto, ao analisar um discurso, é fundamental considerar tanto as condições de produção quanto os elementos da memória discursiva, a fim de compreender sua complexidade e os processos de interação discursiva envolvidos.

Nesse contexto, o sujeito discursivo não detém controle absoluto ou propriedade exclusiva sobre a palavra. Por mais que ele acredite ter pleno conhecimento do que diz, ele não exerce um domínio completo sobre os sentidos. De acordo com Orlandi (2005, p.27), existe uma relação intrínseca entre o já-dito, o que foi previamente enunciado, e o que está sendo dito no momento, ou seja, entre o interdiscurso e o intradiscurso. Essa relação revela a conexão entre a constituição do sentido, influenciada por discursos anteriores, e sua formulação atual, evidenciando a complexidade do processo de significação.

Segundo Orlandi (2005), a compreensão dessa relação entre interdiscurso e intradiscurso é essencial para a análise de discurso, pois permite identificar como as vozes e os sentidos anteriores ressoam e se fazem presentes no discurso atual. O sujeito discursivo é atravessado por essas vozes e sentidos pré-existentes, que moldam e condicionam sua produção discursiva (ORLANDI, 2005). Essa perspectiva ressalta a importância de considerar não apenas o discurso em si, mas também as memórias discursivas que o permeiam, as quais são acionadas e atualizadas na interação comunicativa.

A compreensão do interdiscurso requer uma análise aprofundada do fenômeno do esquecimento, que desempenha um papel fundamental na sua estrutura. Sob a perspectiva da teoria da enunciação, o esquecimento enunciativo está relacionado à forma como nos expressamos linguisticamente. Ao proferir um discurso, estabelecemos relações parafrásticas, ou seja, relações de semelhança com outros enunciados, indicando que aquilo que foi dito poderia sempre ter sido dito de maneira diferente. Nem sempre estamos conscientes das escolhas linguísticas que fazemos, e esse esquecimento enunciativo produz em nós a sensação de que o pensamento expresso no discurso é a realidade única e verdadeira (ORLANDI, 2005, p.31). Essa percepção, denominada por Orlandi como ilusão referencial, nos leva a acreditar que aquilo que dizemos só poderia ser dito daquela forma específica, excluindo outras possibilidades de expressão.

O conceito de silenciamento, também conhecido como política do silêncio, é definido por Orlandi (2007, p.73) como a ação de dizer algo que implica necessariamente na supressão de outros sentidos possíveis, considerados indesejáveis em um contexto discursivo específico. Nesse sentido, a política do silêncio estabelece uma divisão entre o que é dito e o que não é dito, apagando os

sentidos indesejáveis e delineando os limites da expressão. Esse silêncio constitutivo age como um mecanismo que coloca em funcionamento o conjunto do que precisa ser omitido para viabilizar a expressão. Assim, qualquer denominação tende a ocultar outros sentidos possíveis (ORLANDI, 2007).

No âmbito da política do silêncio, Orlandi (2007) menciona o conceito de "silêncio local", que busca compreender a interdição do discurso, utilizando a censura como um exemplo paradigmático desse fenômeno. A censura, segundo a autora, é considerada a produção do interdito, do proibido, e é analisada como um fato discursivo que opera como política pública de fala e silêncio (ORLANDI, 2007, p.75). Ela constitui limites nas diferentes formações discursivas, impedindo que o sujeito se inscreva em determinadas modalidades de discurso.

Segundo Pêcheux (1975), citado por Orlandi (2007), a identidade resulta de processos de identificação nos quais o sujeito se inscreve em uma formação discursiva específica para que suas palavras adquiram sentido. Conseqüentemente, segundo Orlandi (2007), tanto o sujeito quanto o sentido são categorizados pela sua incompletude. Ao falar, o sujeito se divide, pois suas palavras também são compartilhadas por outros.

Diante desse contexto, a censura impacta diretamente a identidade do sujeito, limitando-o a ocupar apenas as posições (e os sentidos) que lhe são autorizadas. Portanto, o sujeito expressa "x" para evitar dizer "y" (ORLANDI, 2007).

Por sua vez, os discursos são constituídos pelas condições de produção, que desempenham um papel determinante em sua estruturação e significação. Segundo Orlandi (2005), essas condições operam com base em diversos fatores, sendo um deles a relação de sentido. Essa relação busca compreender como os discursos se articulam e se relacionam entre si. O discurso é concebido como um elemento contínuo, que se conecta e remete a outros discursos que o sustentam. As condições de produção podem ser analisadas em dois sentidos: o sentido estrito, que se refere ao contexto imediato da enunciação, e o sentido amplo, que abrange o contexto sócio-histórico e ideológico, incorporando elementos derivados das formas de organização social (ORLANDI, 2005, p. 27).

A capacidade de compreender as imagens na constituição dos sujeitos e identificar as palavras que os ouvintes desejam ouvir é um aspecto fundamental para se tornar um orador mais eficiente, conforme afirmado por Orlandi (2005, p.

38). Essa compreensão contribui para a construção das condições de produção discursiva e o processo de significação, uma vez que os sentidos vão além das palavras em si.

### 3.2 CORPUS E ETAPAS DE PESQUISA

Para a realização deste trabalho, selecionamos um corpus composto por todas as notícias publicadas no site da *Folha de São Paulo* de julho de 2022 até junho de 2023, ou seja, o último semestre do governo de Jair Bolsonaro e o primeiro semestre do governo Lula, com a palavra “China” no título na editoria "Mundo".

Com isso, chegamos ao resultado de 404 notícias. Com esse número fizemos um recorte, reduzindo o total a apenas as primeiras notícias de cada mês, assim limitando a 12 notícias. Essa escolha baseou-se na relevância do tema para o contexto atual, considerando o crescente protagonismo do país asiático nas relações internacionais e sua influência em diversas esferas globais.

**Quadro 1 - Seleção do Corpus**

(continua)

<b>Mês</b>	<b>N. de Notícias</b>	<b>Primeira Notícia do Mês</b>
<b>Jul. 2022</b>	26	China: Xi renova ordem de Covid zero e breca flexibilizações
<b>Ago. 2022</b>	42	EUA e Indonésia fazem exercício militar conjunto em meio a tensão com a China
<b>Set. 2022</b>	14	Taiwan derruba pela primeira vez drone na costa da China
<b>Out. 2022</b>	27	Com 'prosperidade comum', China sinaliza mais gastos com políticas sociais
<b>Nov.2022</b>	42	Relatório acusa China de manter policiais no Brasil e em outros países
<b>Dez.2022</b>	35	China promete 'abordagem humana' da Covid e acelera relaxamento de restrições
<b>Jan. 2023</b>	33	Novo chanceler da China telefona para Blinken e busca estabilizar tensões com os EUA

(conclusão)

<b>Fev.2023</b>	52	Tsunami de Covid recua na China, em misto de alívio e ansiedade para população
<b>Mar. 2023</b>	42	Impostores se passam por jornalistas da Reuters para investigar dissidentes na China
<b>Abr. 2023</b>	40	Entenda como o TikTok chegou à disputa geopolítica entre EUA e China
<b>Mai 2023</b>	28	Premiê da Espanha vai aos EUA pedir que Biden ouça Brasil e China sobre guerra
<b>Jun. 2023</b>	23	Chefe da CIA fez visita secreta à China para tentar descongelar relações

Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

Concluída a etapa de coleta de notícias, partimos para a verificação do local de origem e da data das informações. A determinação do local de origem é essencial para compreender se a notícia foi gerada dentro da China, com essa informação podemos entender o contexto de produção e a possível influência de fatores locais na abordagem da notícia. Já a data de publicação é crucial para contextualizar as notícias no tempo, permitindo uma compreensão mais precisa da relevância e atualidade dos eventos reportados

No decorrer do processo de seleção de sequências discursivas, identificou-se as temáticas mais recorrentes. A abordagem consistiu em priorizar as questões que surgiram frequentemente nos discursos analisados. Com base nesse critério, foram selecionadas as sequências discursivas. Essa estratégia permitiu concentrar a análise em tópicos de maior relevância e interesse, proporcionando uma compreensão mais aprofundada das narrativas presentes nos discursos examinados.

Ressalta-se que a escolha da editoria "Mundo" da *Folha de São Paulo* é justificada por conta de ser um dos jornais de referência no Brasil, ou seja têm um papel crucial tanto internamente, influenciando a elite que molda opiniões, quanto externamente, sendo referência para outros meios de comunicação (ZAMIN, 2014).

Dessa forma, este estudo aprofunda-se na busca de nuances e padrões que possam sugerir divergências na forma como a *Folha de São Paulo* reportou e interpretou as relações entre Brasil e China nos governos de Bolsonaro e Lula. A

análise não se restringe ao conteúdo explícito das notícias, mas também considera as estratégias discursivas utilizadas pelo veículo, permitindo a identificação de possíveis diferenças nas escolhas editoriais, ênfases temáticas e perspectivas adotadas pela *Folha de São Paulo* ao retratar as relações sino-brasileiras nos dois períodos governamentais. Compreender tais nuances é de suma importância para uma análise contextualizada das relações diplomáticas entre Brasil e China, além de contribuir para uma maior compreensão dos fatores políticos e ideológicos que podem influenciar a cobertura jornalística sobre questões internacionais.

Em nossa análise das notícias, adotamos a estratégia de utilizar paráfrases como uma ferramenta de compreensão e interpretação dos discursos presentes nas notícias. O uso da Análise de Discurso e mais especificamente paráfrases desempenha um papel fundamental, pois consiste em reformular ou recontar uma sequência discursiva utilizando outras palavras ou estruturas, sem alterar o sentido original. Essa prática nos permite explorar as diferentes camadas de significado presentes nos discursos, desvendando as estratégias discursivas utilizadas e as relações de poder subjacentes.

Segundo Orlandi (2005), ao examinarmos um texto, tanto o analista de discurso quanto o enunciado estão constantemente sujeitos a retornar ao que já foi expresso, ou seja, ao dizível. Essa dinâmica representa a relação entre o conhecimento acumulado e o conhecimento interno de cada sujeito, que resulta na emergência de novas produções. Assim, observa-se uma conexão entre a paráfrase e a polissemia (ORLANDI, 2005). A autora explica que a paráfrase está associada à estabilização, enquanto a polissemia implica deslocamento e ruptura nos processos de significação, envolvendo uma jogada com o equívoco. A polissemia, portanto, se caracteriza por uma multiplicidade de sentidos das palavras em um contexto, enquanto a paráfrase representa a constância, destacando-se no âmbito das comparações como o movimento é para a polissemia e a constância para a paráfrase. Ao analisar um texto ou qualquer gênero textual, percebe-se um jogo entre paráfrase e polissemia, entre o idêntico e o diverso (ORLANDI, 2005).

Segundo Orlandi (2005), é nesse jogo entre o igual e o diferente que surgem novas ideias e transformações de sentidos, pois a própria linguagem é propensa ao equívoco, e a ideologia é um ritual com falhas que o sujeito, ao significar, também se significa. O entendimento de um texto nem sempre coincide com a intenção original

do autor, indicando que nada está definitivamente concluído, estando sempre sujeito a mudanças. Assim, na análise do discurso, é possível distinguir o que é produzido do que é criado (ORLANDI, 2005). A "criação" em seu aspecto técnico representa produtividade e reiteração de processos já estabelecidos, indicando que a criação de conteúdo não se limita ao novo, mas é construída com base no que foi previamente expresso.

Decorre daí a afirmação de que a paráfrase é a matriz do sentido, pois não há sentido sem repetição, sem sustentação no saber discursivo, e a polissemia é a fonte da linguagem uma vez que ela é a própria condição de existência dos discursos pois se os sentidos – e os sujeitos – não fossem múltiplos, não pudessem ser outros, não haveria necessidade de dizer. (ORLANDI, 2005, p. 36).

Por meio das paráfrases, buscamos explicitar os efeitos de sentido gerados nos textos analisados, revelando as representações sobre a China presentes na cobertura da *Folha de São Paulo*. Ao reformular os trechos das reportagens, somos capazes de identificar as escolhas vocabulares, os posicionamentos ideológicos e os recursos linguísticos utilizados para construir determinados sentidos sobre o país asiático. A partir da leitura, coleta e análise dos resultados, pensou-se nos seguintes campos semânticos: “Suspeita”, “Belicosidade” e “Guerra Fria 2.0”.

A equipe da *Folha de São Paulo*, composta por jornalistas, editores e colaboradores, é responsável pela produção das notícias, que são embasadas em pesquisa, entrevistas, análise de documentos e outras fontes de informação. As notícias passam por revisão e edição para garantir a qualidade e a precisão das informações.

No entanto, é importante reconhecer que a produção jornalística enfrenta limitações de tempo, recursos e acesso a informações, o que pode influenciar a abordagem e a profundidade da cobertura de determinados temas, como a relação entre Brasil e China. Além disso, as condições de produção também são influenciadas por fatores externos, como o contexto político, as relações diplomáticas e as pressões do mercado de mídia.

Portanto, ao analisar as notícias da *Folha de São Paulo* sobre a China, é fundamental considerar as condições de produção, o contexto em que foram elaboradas e os fatores que podem ter influenciado a abordagem e as representações presentes nos textos. Essa compreensão das condições de

produção permite uma análise mais contextualizada e reflexiva das reportagens, possibilitando uma avaliação mais precisa dos significados sobre a China inscritos na *Folha de São Paulo*.

#### **4. A CHINA COM BOLSONARO E LULA: O DISCURSO DO JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO**

##### **4.1. A PROCEDÊNCIA DAS INFORMAÇÕES**

Durante a análise das notícias, evidenciou-se que apenas duas das 12 notícias examinadas foram redigidas por jornalistas em território Chinês, uma em Taiwan e outra em Hong Kong, como pode ser visto no Quadro 2, dois territórios vistos pelo governo Chinês como rebeldes. Como supracitado, de acordo com Natali (2007), os correspondentes desempenhavam um papel fundamental na coleta e divulgação de informações relevantes de diversas partes do globo, permitindo ao público ter acesso a uma cobertura abrangente dos acontecimentos internacionais.

Esta evidência é significativa uma vez que, como supracitado, Hong Kong é um ponto de tensão nas relações entre os Estados Unidos e a China. Isso se deve, em parte, à história única de Hong Kong, que foi uma colônia britânica de 1842 até 1997 quando conquistou independência da Coroa Britânica.

Como citado anteriormente, os Estados Unidos expressam apoio a Hong Kong por motivos vinculados a acordos internacionais, notadamente a Declaração Conjunta Sino-Britânica de 1984, que assegurou a autonomia da região sob o princípio de "um país, dois sistemas" por 50 anos (SILVA, 2021). O não cumprimento desses acordos gera preocupações nos Estados Unidos e em outros países. Além disso, a defesa de Hong Kong é sustentada por interesses econômicos, dado o papel significativo da região como centro financeiro global, afetando diretamente as operações de empresas americanas e a estabilidade econômica (SILVA, 2021).

Quanto a Taiwan, sua história separatista, delineada por Pinheiro Machado (2010), tem raízes profundas, datando de milhares de anos e marcada por ocupações de potências ocidentais e orientais. Os momentos-chave incluem 1945, quando a China retomou o controle da ilha ocupada pelo Japão, e 1950, quando os

comunistas venceram os nacionalistas na Guerra Civil Chinesa (PINHEIRO MACHADO, 2010).

Durante nossa análise, uma observação significativa é o fato de que nenhuma das notícias relacionadas à China foi redigida por jornalistas da *Folha de São Paulo*. Em vez disso, todas as notícias provenientes de território chinês foram escritas por jornalistas do jornal de referência *The New York Times* (NYT), dos Estados Unidos, e da *Reuters*, agência de notícias e do Reino Unido. Como podemos ver no Quadro 2, isso é notável, uma vez que, apesar do anúncio da *Folha de São Paulo* (2023) de ter correspondentes na China, as informações sobre o país asiático continuam a ser importadas de países do hemisfério norte.

Essa observação lança luz sobre as dinâmicas de coleta e produção de notícias em relação à China. Ela destaca que, mesmo com a presença de correspondentes locais, a influência das agências de notícias internacionais ainda é proeminente na cobertura jornalística sobre a China. Isso pode ser resultado de vários fatores, incluindo a disponibilidade de recursos e redes de informação estabelecidas por essas agências, conforme já apontava Natali (2007), agências internacionais contam com uma rede de colaboradores, articulistas e analistas espalhados por sedes e escritórios em várias partes do mundo.

Além disso, também sugere que a perspectiva e a análise da China nas notícias podem ser moldadas em grande parte por pontos de vista ocidentais, uma vez que as agências do hemisfério norte desempenham um papel central na informação que chega aos leitores da FSP. Isso vai ao encontro com que afirma o autor Natali (2007) sobre o fluxo das informações internacionais, que desde o século XIX, é uma área com grande expansão, com cada vez mais demanda.

Quadro 2 - Localização das notícias

<b>Mês</b>	<b>Título da notícia selecionada</b>	<b>Autor da notícia</b>	<b>Localização</b>	<b>Origem da notícia</b>
<b>Jul. 2022</b>	China: Xi renova ordem de Covid zero e breca flexibilizações	Não informado	São Paulo-Brasil	FSP
<b>Ago. 2022</b>	EUA e Indonésia fazem exercício militar conjunto em meio a tensão com a China	Não informado	Jakarta - Indonésia	AFP
<b>Set. 2022</b>	Taiwan derruba pela primeira vez drone na costa da China	Igor Gielow	São Paulo-Brasil	FSP
<b>Out. 2022</b>	Com 'prosperidade comum', China sinaliza mais gastos com políticas sociais	Igor Patrick	Washington-Estados Unidos	FSP
<b>Nov.2022</b>	Relatório acusa China de manter policiais no Brasil e em outros países	Mayara Paixão	São Paulo-Brasil	FSP
<b>Dez.2022</b>	China promete 'abordagem humana' da Covid e acelera relaxamento de restrições	Não informado	São Paulo-Brasil	Não informado
<b>Jan. 2023</b>	Novo chanceler da China telefona para Blinken e busca estabilizar tensões com os EUA	Não informado	Washington - Estados Unidos	<i>Reuters</i>
<b>Fev.2023</b>	Tsunami de Covid recua na China, em misto de alívio e ansiedade para população	Chris Buckley Amy Chang Chien	Taiwan	NYT
<b>Mar. 2023</b>	Impostores se passam por jornalistas da Reuters para investigar dissidentes na China	Não informado	Hong Kong	<i>Reuters</i>
<b>Abr. 2023</b>	Entenda como o TikTok chegou à disputa geopolítica entre EUA e China	Clara Balbi	São Paulo - Brasil	FSP
<b>Mai 2023</b>	Premiê da Espanha vai aos EUA pedir que Biden ouça Brasil e China sobre guerra	Ivan Finotti	Madri - Espanha	FSP
<b>Jun. 2023</b>	Chefe da CIA fez visita secreta à China para tentar descongelar relações	Demetri Sevastopulo	Singapura	<i>Financial Times</i>

Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

## 4.2 OS SENTIDOS DE SUSPEITA

O primeiro significado atribuído à "suspeita", tal como definido no dicionário Oxford Languages (2023), é uma conjectura ou opinião embasada em indícios, porém desprovida de validação concludente. Esta definição possui relevância, sobretudo quando se depara com situações complexas e de natureza ambígua que demandam uma investigação meticulosa e uma análise aprofundada, notadamente nos âmbitos legais, jornalísticos, ou mesmo na pesquisa acadêmica. Orlandi (2005) cita Pêcheux (1975) ao afirmar que não existe discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia, uma vez que o indivíduo é interpelado como sujeito pela ideologia, e é por meio da língua que isso adquire sentido. Como resultado, torna-se possível analisar a relação entre língua e ideologia no discurso, compreendendo de que maneira a língua produz sentidos por e para os sujeitos (ORLANDI, 2005).

Essa perspectiva destacada por Orlandi (2005), a ligação intrínseca entre língua e ideologia, enfatizando que a linguagem não é neutra, mas um espaço de construção e negociação ideológica. A análise do discurso dentro desse contexto revela as complexas maneiras pelas quais a linguagem influencia e é influenciada pelas estruturas ideológicas na sociedade. Ao explorar a interação entre linguagem e ideologia, os pesquisadores ganham *insights* sobre como os discursos refletem e perpetuam relações de poder, hierarquias sociais e hegemonia ideológica.

Por outro lado, o segundo significado associado à "suspeita" traça um cenário no qual a suspeita se manifesta como desconfiança, suposição, ou concepção nebulosa. Esta dimensão ressalta que as suspeitas podem frequentemente originar-se de sentimentos subjetivos, intuições ou, em alguns casos, preconceitos.

Conforme destacado por Orlandi (2007), a linguagem é, por vezes, uma maneira de expressar uma ideia evitando mencionar outra, pois, ao fazê-lo, os sentidos que se desejam evitar são obscurecidos. Esses sentidos poderiam, de fato, estabelecer o terreno para a emergência de uma nova estrutura discursiva, um novo domínio de significados. Nesse contexto, a linguagem adquire um papel de ausência que, por si só, possui um significado intrínseco.

Assim, quando jornalistas utilizam termos como "presumivelmente", "especulações" e "suspeitas" em seus textos, como evidenciado nas Sequências Discursivas (SDs) 1, 2, 3 e 4, evocam sentidos de suspeita em relação ao país, uma

vez que a diferença entre relatar fatos e oferecer suposições pode ter um impacto substancial na formação da opinião pública.

SD 1: O drone é **presumivelmente** chinês usado com frequência pela China para espionar [...] (FSP, 1º set. 2022)

SD 2: Diante das **especulações** de que a parlamentar poderia visitar a ilha — vista por Pequim como província rebelde [...] (FSP, 1º ago. 2022)

SD 3: O governo americano tem duas grandes **suspeitas** em relação à rede social. A primeira é que ela seja usada pelo regime chinês para espionar cidadãos americanos. (FSP, 1º abr. 2023)

SD 4: A segunda **suspeita** é de que o algoritmo de recomendação de vídeo do TikTok, conhecido por sua capacidade de reter usuários em um looping eterno, tenha também fins de propaganda, influenciando a opinião pública ao promover ou suprimir postagens estratégicas. (FSP, 1º abr. 2023)

A inclusão desses termos sugere uma abordagem cautelosa por parte dos jornalistas, reconhecendo que, em muitos casos, a informação disponível pode não ser conclusiva o suficiente para ser considerada um fato estabelecido. No entanto, essa prudência na linguagem também implica o desafio de equilibrar a responsabilidade jornalística de informar o público com precisão e a necessidade de evitar julgamentos prematuros ou injustos.

Quando se trata das relações entre China e Estados Unidos, é possível notar, nas SDs 5, 6, 7, 8 e 9 a recorrência dos termos "preocupados" e "tenso" para descrever a dinâmica entre essas duas potências globais. A SD 5, por exemplo, destaca a crescente inquietação dos Estados Unidos e seus aliados na Ásia em relação à expansão contínua da influência da China na região do Pacífico.

SD 5: Os EUA e seus aliados asiáticos estão cada vez mais **preocupados** com a crescente presença da China no Pacífico. (FSP, 1º ago. 2022)

SD 6: É nesse contexto **tenso** que as manobras conjuntas de Indonésia e Estados Unidos se iniciam. (FSP, 1º ago. 2022)

SD 7: Ainda que tenham marcado suas diferenças, ambos também buscaram acalmar **tensões** da Guerra Fria 2.0. (FSP, 2 jan. 2023)

SD 8: O exercício também se dá no momento em que Nancy Pelosi, presidente da Câmara dos EUA, faz uma viagem à Ásia com possível escala em Taiwan, sob o risco de agravar as já **tensas relações** entre Washington e Pequim. (FSP, 1º ago. 2022)

SD 9: O movimento começou com a Índia, em 2020, durante a escalada das **tensões** com o regime de Xi Jinping na fronteira do Himalaia. (FSP, 1º mar. 2023)

Esta escolha de palavras não apenas reflete a complexidade das relações entre os dois países, mas também sublinha a natureza sensível e volátil dessas interações. A SD 6 revela uma questão central nas relações sino-americanas, a tensão subjacente que há muito permeia esses dois atores globais. Como supra comentado, de acordo com Barreiros (2021) a preocupação dos Estados Unidos e de seus parceiros da OTAN, a crescente presença da China no Pacífico é um reflexo das mudanças no equilíbrio de poder global e de questões geopolíticas em evolução. À medida em que a China busca consolidar sua influência na região, os Estados Unidos e seus aliados asiáticos enfrentam desafios significativos em relação à segurança, comércio e diplomacia.

Já nas sequências discursivas 10, 12 e 13 os termos “espionar” e “impostores” evocam o sentido de suspeita. No entanto, ao contrário dos exemplos mencionados anteriormente, eles sugerem uma possível ameaça ao mundo ocidental. Isso se deve ao pressuposto de que espiões chineses podem estar infiltrados em qualquer lugar, uma vez que, de acordo com a definição do dicionário Oxford Languages, “espionar” implica em observar secretamente, vigiar. Esses sentidos sugerem que a vigilância pode ser uma ameaça constante, com a possibilidade de indivíduos estarem sendo monitorados sem o seu conhecimento.

O termo “impostores”, de acordo com o dicionário Oxford Languages, denota alguém que se vale da ingenuidade e falta de conhecimento de outros para enganá-los, muitas vezes associado à caracterização de um indivíduo mentiroso. Essa caracterização de impostor também está associada a mentiras e falsidades, pois o ato de se passar por outra pessoa geralmente envolve uma série de declarações falsas ou enganosas, reforçando os sentidos de suspeita atribuídos ao país asiático.

A noção de “impostores” traz consigo a conotação de uma ameaça potencial. Quando alguém age como um impostor, há o risco de que sua presença ou ações possam ser prejudiciais aos outros, no caso o governo chinês teria intenções de

prejudicar os Estados Unidos e seus parceiros. A ideia de um inimigo potencial entre os cidadãos é relevante porque ressalta a necessidade de vigilância e cautela diante da possibilidade de enganos ou manipulações. Portanto, a SD13, não só evoca sentidos de suspeitas, mas também sugere a presença de ameaças potenciais e a necessidade de vigilância constante.

O termo "calculada" presente na SD 14, é uma palavra que vai além de seu sentido literal relacionado a cálculos matemáticos. Ele se refere a ações cuidadosamente planejadas e executadas com motivações ocultas ou segundas intenções. Quando descrevemos uma ação como "calculada", estamos insinuando que a pessoa que a realiza ou faz de maneira meticulosa, ponderando cuidadosamente os passos a serem dados e as implicações de suas ações, ou seja, implica que a China planeja controlar de forma ambiciosa as relações com o ocidente, como citado na SD 15 com o termo "ambiciosos".

SD 10: O aparelho foi derrubado sobre a ilha do Leão, parte do arquipélago Kinmen, a cerca de 3 km das cidades chinesas de Xiamen e Quzhou. Ele era civil e de pequeno porte, do tipo usado com frequência pela China para **espionar** atividades militares nessas pequenas possessões taiwanesas. (FSP, 1º set. 2022)

SD 11: Em maio, acusou o país asiático de agir de modo **desleal** com outras nações e de ampliar a repressão interna. (FSP, 2 jan. 2023)

SD 12: [...] os **impostores** buscavam informações sobre pessoas ligadas à onda de protestos contra a política de Covid zero que mobilizava o país naquele mês [...] (FSP, 1º mar. 2023)

SD 13: O governo americano tem duas grandes suspeitas em relação à rede social. A primeira é que ela seja usada pelo regime chinês para **espionar** cidadãos americanos. (FSP, 1º abr. 2023)

SD 14: [...] numa ação **calculada** pelo regime para retomar diálogos e estabilizar os elos com Washington. (FSP, 2 jan. 2023)

SD 15: Em todo o Pacífico, os planos de Pequim tornaram-se mais **ambiciosos**, mais visíveis (FSP, 2 jun. 2023)

Nas Sequências Discursivas 16 a 24, a China emerge como um exemplo paradigmático de opressão e controle por parte de seu governo. A utilização irônica

do termo "persuadidos" na SD 16 destaca a possibilidade de que esses indivíduos tenham sido coagidos ou forçados a retornar à China, sugerindo uma notável falta de liberdade de escolha.

SD 16: Entre abril de 2021 e julho deste ano, 230 mil chineses teriam sido "**persuadidos a retornar**" para o país asiático devido a ações desses agentes. (FSP, 4 nov. 2022)

SD 17: O verdadeiro custo do surto é difícil de traçar, com infecções e mortes **encobertas por censura** e coleta de dados deficiente. (FSP, 1º fev. 2023)

SD 18: O governo procurou **moldar a narrativa** sobre o surto, **limitando informações e censurando críticas** à sua resposta. (FSP, 1º fev. 2023)

SD 19: Ainda assim, a raiva aumentou com a falta de medicamentos básicos e a **ocultação do número de mortes por Covid**, enquanto filas em funerárias aumentavam, e necrotérios transbordavam de corpos. (FSP, 1º fev. 2023)

SD 20: os chineses **construíram um mosaico de impressões e histórias** sobre como suas cidades natais se saíram. (FSP, 1º fev. 2023)

SD 21: Dois jornalistas da agência de notícias Reuters que trabalham na China tiveram suas identidades **falsificadas e usadas para abordar opositores do regime** [...] (FSP, 1º mar. 2023)

SD 22: Magnotta, da Faap, explica que a China usa tecnologias avançadas para operar uma extensa rede de **vigilância** [...] (FSP, 1º abr. 2023)

SD 23: O regime alega ter como objetivo garantir estabilidade social e segurança da população, mas críticos denunciam o uso dessa rede para **silenciar a dissidência e praticar censura**. (FSP, 1º abr. 2023)

SD 24: A China já mostrou como fazer a "captura da elite" em locais com populações reduzidas, grande necessidade de desenvolvimento e líderes que muitas vezes **silenciam** a mídia local. (FSP, 2 jun. 2023)

Esse cenário é amplamente apoiado pelo uso recorrente dos termos "censura" e "silenciar" nas SDs 17, 18, 23 e 24. Implicando à China além de sentidos de suspeita, sentidos de opressão e censura. A censura, de acordo com Orlandi (2007), é considerada a produção do interdito, do proibido, e é analisada como um fato discursivo que opera como política pública de fala e silêncio. Ela constitui limites

nas diferentes formações discursivas, impedindo que o sujeito se inscreva em determinadas modalidades de discurso.

O termo "vigilância" na SD 22 assume um peso considerável quando se trata de discutir privacidade e liberdade individual. Ele evoca a noção de que os cidadãos chineses enfrentam uma realidade de vigilância constante por parte do governo, onde suas ações, comunicações e movimentos são minuciosamente monitorados, seja pelo governo ou por entidades associadas a ele. Essa vigilância contínua cria um ambiente de controle abrangente, onde a sensação de ausência de privacidade torna-se uma constante na vida das pessoas.

Expressões presentes nas SDs 18, 19, 20 e 21, como "moldar a narrativa", "ocultação", "construíram um mosaico de impressões e histórias" e "falsificadas", destacam o esforço ativo do governo chinês em controlar a informação e a narrativa pública. Isso cria a imagem de um país onde o governo manipula ativamente o discurso para moldar a percepção da população, muitas vezes suprimindo informações críticas ou divergentes. Esse cenário sugere que as vozes dissidentes são silenciadas e que o governo mantém um controle firme sobre a maneira como as informações são apresentadas ao público.

## 4.2 GUERRA FRIA 2.0

Nas sequências discursivas 25, 26, 27 e 7 podemos observar o uso do termo "guerra fria 2.0". A expressão "Guerra Fria 2.0" surge como uma evolução conceitual da sua predecessora do século XX, refletindo uma nova dinâmica de rivalidade global.

SD 25: E está no centro da disputa geopolítica da vez, a **Guerra Fria 2.0** protagonizada por Estados Unidos e China. (FSP, 1º abr. 2023)

SD 26: O local virou peça-chave da **Guerra Fria 2.0** entre Washington e Pequim devido à ambiguidade americana. (FSP, 1º set. 2022)

SD 27: Recém-nomeado ministro das Relações Exteriores da China, Qin Gang, 56, buscou já nos primeiros momentos de 2023 melhorar as relações com os Estados Unidos, que tiveram picos de tensão nos últimos meses no contexto da **Guerra Fria 2.0**. (FSP, 2 jan. 2023)

SD 7: Ainda que tenham marcado suas diferenças, ambos também buscaram acalmar tensões da **Guerra Fria 2.0**. (FSP, 2 jan. 2023)

Quando se fala em Guerra Fria os sentidos reproduzidos são de armas nucleares, destruição em massa, corrida armamentista, bons e maus, democracia e ditadura. Já a Guerra Fria 2.0 manifesta sentidos de uma disputa cultural, na qual as potências buscam influenciar a narrativa global e promover seus valores ideológicos (BARREIROS, 2021). A batalha pela opinião pública é travada por meio de tecnologias de informação e propaganda. A competição cultural torna-se, assim, uma dimensão vital desse conflito contemporâneo.

Diferentemente da bipolaridade geográfica anterior entre Estados Unidos e União Soviética, as potências na Guerra Fria 2.0 são mais diversas, incluindo os Estados Unidos, China, Rússia, União Europeia e outras potências regionais emergentes. Esta nova dinâmica transcende o mero confronto militar, abrangendo diversos domínios, como o econômico, cultural e comercial (BARREIROS, 2021).

Como supracitado, a esfera econômica, a Guerra Fria 2.0 caracteriza-se por uma intensa competição global, envolvendo comércio internacional, investimentos estratégicos e controle de recursos. A busca por influência econômica é evidente em disputas comerciais e estratégias para fortalecer as economias nacionais.

A dimensão cultural desta nova guerra fria manifesta-se na batalha pela influência ideológica e econômica, controle da narrativa global e promoção de valores culturais. Tecnologias de informação desempenham papel crucial, permitindo a incidência na opinião pública global.

Além disso, a disputa comercial é um componente central, onde as potências buscam vantagens econômicas e comerciais para fortalecer sua posição global. Isso inclui o uso de sanções, tarifas e acordos bilaterais como instrumentos estratégicos

### **4.3 BELICOSIDADE**

Como citado anteriormente, de acordo com Castelli (2023) a China vive hoje uma política de ascensão e desenvolvimento pacífica. Criada no século XX, ainda influencia a política externa chinesa. Ainda segundo Castelli (2023) essa abordagem

pacífica é evidente nas iniciativas diplomáticas e estratégias econômicas adotadas pelo governo chinês para promover o país de maneira harmoniosa e não confrontacional.

Segundo Daróz (2021), a última guerra em que a China esteve diretamente envolvida foi o conflito sino-vietnamita em 1979, que durou cerca de um mês. Desde então, a China tem mantido uma postura de paz, evitando conflitos militares diretos com outras nações por um período significativamente longo. É importante observar que houve disputas territoriais e tensões com outros países, mas essas questões geralmente foram resolvidas por meios diplomáticos, e a China tem evitado a escalada para conflitos armados em grande escala.

A visão de ascensão pacífica defendida pela China se reflete em sua ênfase na diplomacia econômica, na cooperação internacional e na busca por soluções negociadas para questões globais. O governo de Xi Jinping tem enfatizado a construção de parcerias multilaterais, como a Iniciativa do Cinturão e Rota, que visa promover a conectividade e a cooperação econômica com várias nações em todo o mundo (CASTELLI, 2023).

As sequências discursivas 28, 29 e 30 utilizam termos como "incursão", "invasão" e "retomada" para descrever ações e cenários relacionados ao conflito entre a China e Taiwan.

SD 28: [...] promoveu uma **incursão** aérea de médio porte contra as defesas da ilha autônoma que considera uma província rebelde, enviando 14 **caças** sobre a chamada Linha Mediana que divide o estreito entre o continente e Taiwan. (FSP, 1º de set. 2022)

SD 29: Ela disparou uma série de exercícios militares inéditos, que simularam o bloqueio e a **invasão** de Taiwan pelos chineses. (FSP, 1º de set. 2022)

SD 30: Também tem crescido o envio de drones de vigilância e aparelhos civis equipados com câmeras para essas pequenas ilhas que Taiwan possui espalhadas perto da costa chinesa. Elas são vistas como o primeiro alvo de um processo de **retomada** da ilha. (FSP, 1º de set. 2022)

O termo "incursão," de acordo com o dicionário Priberam (2023), denota a invasão de um território por indivíduos armados ou uma ação hostil em larga escala. Na sequência discursiva 28, ele é aplicado para descrever a ação da China de enviar 14 caças sobre a Linha Mediana, que separa Taiwan do continente chinês.

Isso indica uma ação militar hostil, mesmo que não seja uma invasão completa. Essa demonstração de força serve como um elemento de pressão e uma manifestação clara de poder militar por parte da China em relação a Taiwan.

Por outro lado, a palavra "invasão" implica a ação de entrar ou ocupar um território de maneira hostil e agressiva. Na sequência discursiva 29, "invasão" é usada para descrever os exercícios militares que simulam o bloqueio e a invasão de Taiwan pelos chineses. Esse termo realça a ameaça de uma possível ocupação militar completa, a qual é uma das maiores preocupações nas relações sino-taiwanesas no cenário internacional.

Já o termo "retomada" sugere a ação de recuperar algo que se acredita ter sido anteriormente seu. Na sequência discursiva 30, ele é empregado para descrever a ação da China de enviar drones de vigilância e aparelhos civis equipados com câmeras para ilhas próximas a Taiwan. Isso sugere que a China considera essas ilhas como parte de seu território e está buscando recuperá-las, o que implica uma ação agressiva. Essa retomada de território pode ser vista como uma estratégia destinada a fortalecer a reivindicação de soberania da China sobre Taiwan e suas áreas adjacentes.

Nas sequências discursivas 29, 31 e 32, o uso do termo "exercícios militares" carrega um sentido de ameaça. Os "exercícios militares" representam uma forma legitimada de treinamento das forças armadas, mas, no contexto específico das relações entre China e Taiwan, esse termo muitas vezes está associado a ações que geram preocupação e tensão.

SD 29: Ela disparou uma série de **exercícios militares** inéditos, que simularam o bloqueio e a invasão de Taiwan pelos chineses. (FSP, 1º de set. 2022)

SD 31: No sábado (30), em resposta, a China realizou um **exercício militar** com munição real no estreito de Taiwan. (FSP, 1º de set. 2022)

SD 32: [...] em resposta, o país asiático multiplicou **exercícios militares** em torno do território que vê como rebelde. (FSP, 2 de jan. 2023)

Em diversas situações internacionais, a expressão "exercícios militares" tem sido usado como um disfarce para a realização de ações provocativas ou hostis. Nesse contexto, a expressão "exercícios militares" serve para mascarar as

verdadeiras intenções por trás das manobras militares, que envolvem uma ameaça potencial à segurança e à soberania do ponto estratégico do ocidente Taiwan.

Esses exercícios militares, embora possam ser apresentados como atividades de rotina das forças armadas, muitas vezes são interpretados como uma demonstração de força e uma advertência clara. Portanto, o uso do termo "exercícios militares" nessas sequências discursivas não pode ser desvinculado do sentido da ameaça com a possibilidade de uma escalada militar e a concretização de uma ameaça real à estabilidade na região.

As sequências discursivas 33, 34, 35 e 36 fornecem o sentido de poder opressivo por parte da China em várias dimensões. Destacando a abordagem do governo chinês, liderado por Xi Jinping.

SD 33: [...] o líder Xi Jinping deixa claro que pretende fazer isso **pacificamente ou pela força**, se necessário. (FSP, 1º de set. 2022)

SD 34: O modus operandi envolveria **intimidação, assédio, prisão de parentes dos alvos na China, além de abordagem online ou destacamento de agentes para perseguir pessoas no exterior**. (FSP, 4 de nov. 2022)

SD 35: [...] a China está entrincheirada com seu **poder irreprimível**, embora nem sempre aceito. (FSP, 2 de jun. 2023)

SD 36: [...] incluindo um que dá a Pequim o poder de enviar forças de segurança para **reprimir** distúrbios ou proteger investimentos chineses e possivelmente construir um porto para uso comercial e militar. (FSP, 2 de jun. 2023)

Na sequência discursiva 33, a FSP menciona que Xi Jinping deixa claro sua intenção de alcançar seus objetivos pacificamente, mas, se necessário, pela força. Isso sugere que a China está disposta a usar a força para alcançar seus objetivos, o que é percebido como uma demonstração do seu poder opressivo.

Já a SD 34 detalha um "modus operandi" que envolve intimidação, assédio, prisão de parentes dos alvos na China e abordagens online, juntamente com o destacamento de agentes para perseguir pessoas no exterior. Isso evidencia táticas de repressão e perseguição que reforçam a ideia de um governo chinês opressivo em relação a dissidentes e opositores.

O "poder irreprimível" da China mencionado na sequência discursiva 35, indica que a China é vista como uma força poderosa e incontrolável, embora nem sempre seja aceita. Isso pode ser interpretado como uma referência à influência da China no cenário internacional, que é percebida como esmagadora e dominante.

A sequência discursiva 36 menciona a capacidade de Pequim de enviar forças de segurança para reprimir distúrbios ou proteger investimentos chineses, incluindo a possibilidade de construir um porto para uso comercial e militar. Isso ressalta a habilidade da China de usar seu poder econômico e militar para manter e expandir sua influência, o que pode ser percebido como opressivo para as nações envolvidas.

#### **4.4 GOVERNOS BOLSONARO E LULA**

Na análise das 12 notícias selecionadas, torna-se evidente que a presença de paráfrases relacionadas aos campos semânticos é notável em oito delas, representando uma proporção de 66,6%. Os dados coletados podem ser interpretados como um sinal do quão recorrente alguns dos termos dos campos semânticos são repetidos ao decorrer do ano perpetuando seus sentidos.

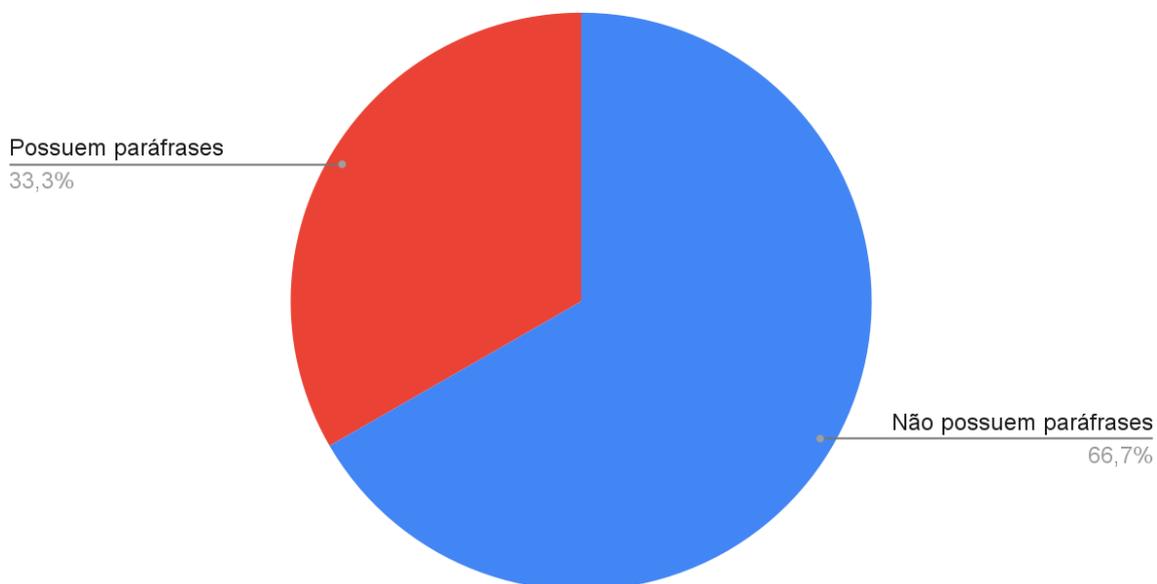
A constante repetição de paráfrases relacionadas aos campos semânticos de suspeita, guerra fria 2.0 e belicosidade sugere uma estabilidade na cobertura jornalística. Apontando para uma consistência na abordagem da mídia, indicando uma tendência de manter uma certa continuidade na cobertura ao longo do tempo.

Esses achados revelam como a mídia, representada pela FSP, perpetua e reforça os sentidos associados a esses campos semânticos.

Os resultados podem refletir a influência de eventos significativos ocorridos durante esse intervalo de tempo, que provavelmente tiveram um papel importante na definição das prioridades de noticiamento. Eventos como eleições, crises políticas, desastres naturais ou mudanças significativas na economia, por exemplo, frequentemente desempenham um papel fundamental na agenda de notícias e podem direcionar a atenção da mídia para novos assuntos.

**Figura 2 - Presença de paráfrases relacionadas aos campos semânticos**

## Notícias analisadas



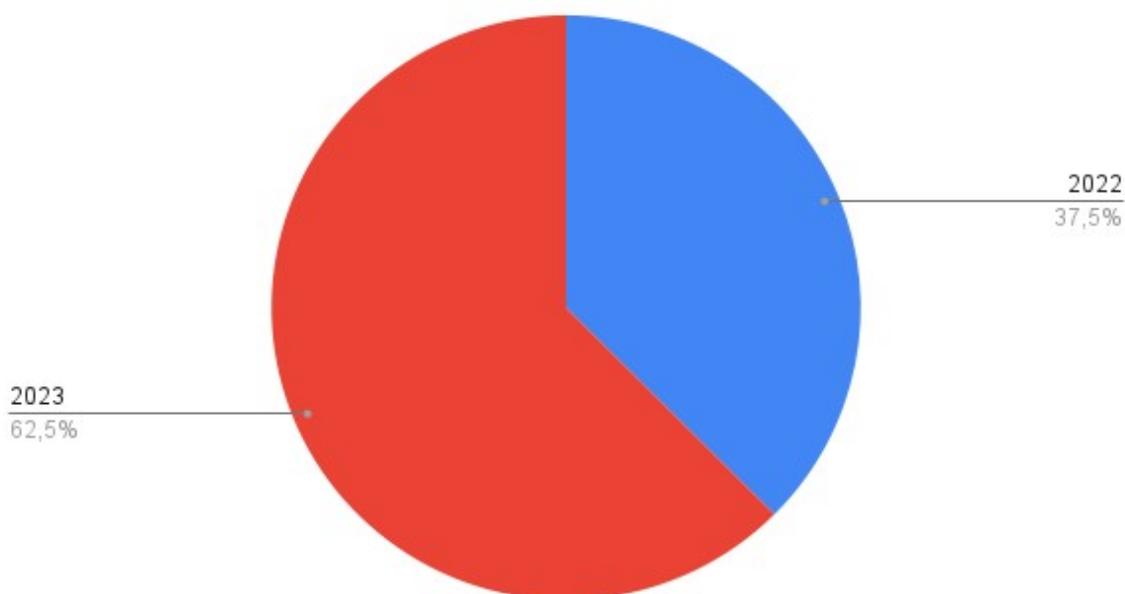
Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

Além disso, é possível que a mudança nas agendas de notícias ao longo do período analisado tenha desempenhado um papel na disparidade observada. Eventos que não alcançaram destaque suficiente para serem incluídos na seção "Mundo" do jornal FSP em 2022 podem ter adquirido importância em 2023, ou vice-versa. Essa variação pode ser atribuída a questões emergentes e transformações na sociedade que impactam as decisões editoriais.

Em relação às oito notícias abordadas, observa-se que 37,5% delas tiveram origem no ano de 2022, ao passo que os 62,5% restantes correspondem a notícias publicadas em 2023. Analisando o recorte temporal é evidenciada uma distribuição desequilibrada entre os dois anos, indicando uma diversidade de acontecimentos ao longo desse período.

**Figura 3 - Gráfico do ano das notícias**

Data das notícias

**Fonte: Elaborado pelo autor (2023)**

Durante a presidência de Jair Bolsonaro, em 2019, houve mudanças perceptíveis nas relações internacionais do Brasil, incluindo aquelas com a China. Bolsonaro expressou posturas mais alinhadas aos Estados Unidos e adotou uma retórica crítica em relação à China em alguns momentos, especialmente em questões comerciais e tecnológicas.

Já com Luiz Inácio Lula da Silva (2023), a abordagem brasileira em relação à China é amplamente caracterizada por uma busca de parcerias econômicas e diplomáticas, com ênfase na cooperação e no fortalecimento de laços comerciais. Além disso, a cooperação sino-brasileira durante o governo de Lula foi notável por esforços conjuntos em iniciativas multilaterais. Ambos os países trabalharam em conjunto em fóruns internacionais e organizações como os BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), fortalecendo sua presença e influência em assuntos globais.

A cobertura da China na FSP pode ter sido influenciada não apenas pela orientação política dos governantes brasileiros, mas também por eventos específicos que ocorreram durante esses períodos, como disputas comerciais, questões

ambientais e desenvolvimentos geopolíticos. Esses elementos podem ter moldado a narrativa e a produção de significados associados à China ao longo do tempo.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa em questão representa uma análise das notícias publicadas na seção "Mundo" de um dos jornais de referência do Brasil, a *Folha de São Paulo*, tendo como enfoque principal o país asiático, China. O período de análise abrange o último semestre do governo Bolsonaro e o primeiro semestre do governo Lula, um momento crítico e de transição na política brasileira.

O objetivo da pesquisa foi fazer a análise das primeiras notícias de cada mês, compreendendo o intervalo de julho de 2022 a junho de 2023. O foco era identificar nuances e paráfrases empregadas pelo jornal que pudessem sugerir sentimentos de suspeita, belicosidade e associações à Guerra Fria no contexto da cobertura relacionada à China. Paralelamente, a pesquisa se debruçou sobre as relações dessas abordagens com a intertextualidade, explorando como tais construções discursivas podem ter sido influenciadas e moldadas por contextos históricos e narrativas preexistentes.

Dentre as descobertas mais intrigantes que emergiram ao longo da análise das oito notícias retiradas do total de 12, destaca-se a notável discrepância no número de notícias entre os anos examinados. Essa variação expressiva pode ser atribuída a uma série de fatores complexos e interligados. Em primeiro lugar, é plausível que a China tenha adquirido uma posição mais proeminente na cobertura do jornalismo global devido a eventos internacionais de grande relevância que envolveram o país asiático. Outro motivo que vale a pena ser levado em consideração é uma possível saturação do tema na mídia por conta da pandemia do Covid-19 que começou em 2020. Adicionalmente, as relações entre a China e o Brasil podem ter adquirido maior destaque, especialmente após a posse do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, um líder de renome internacional, o que por sua vez poderia ter influenciado a agenda de cobertura jornalística.

Vale a pena salientar que, embora a análise das notícias não tenha evidenciado um aprimoramento nas relações sino-brasileiras, a discrepância no volume de notícias pode ser atribuída a uma gama de fatores, entre os quais se destaca a influência da política editorial interna da *Folha de São Paulo*. Os critérios e

prioridades adotados pela redação podem ter impacto significativo na seleção e abordagem de tópicos, refletindo tanto a importância de determinadas temáticas quanto os interesses comerciais do veículo de comunicação.

Todavia, uma reflexão mais profunda sobre as conclusões desse estudo nos leva a considerar a complexa relação entre a mídia, as relações internacionais e as decisões editoriais. A mídia, como um importante ator na esfera pública, desempenha um papel fundamental na formação da opinião pública e na construção das percepções sobre eventos e atores internacionais. Conseqüentemente, a forma como a China é representada nas notícias, seja com nuances de suspeição ou por meio de metáforas relacionadas à Guerra Fria, pode exercer um impacto de grande magnitude nas opiniões e atitudes do público em relação ao país asiático, bem como nas percepções da dinâmica global. Portanto, este estudo sublinha a necessidade contínua de uma análise crítica da mídia e de uma compreensão aprofundada dos processos de construção de notícias e de representação de atores internacionais, visando uma compreensão mais precisa e contextualizada da cobertura jornalística.

Realizar a pesquisa envolveu uma série de desafios que surgiram ao longo do processo. No contexto da pesquisa mencionada, que se concentrou na análise das notícias sobre a China na *Folha de São Paulo* durante um período específico, algumas dificuldades típicas merecem destaque.

Primeiramente, o acesso aos dados deve ser uma barreira significativa já que o material de pesquisa, no caso, as notícias da *Folha de S. Paulo*, requer acesso pago ou assinaturas.

Outro desafio reside na categorização e análise dos dados. Classificar e analisar um grande volume de notícias ao longo de um período específico é uma tarefa que exige tempo e atenção meticulosa aos detalhes. A categorização das notícias com base em critérios específicos, como a identificação de paráfrases suspeitas, belicosidade ou a “Guerra Fria 2.0”, requer uma abordagem consistente e cuidadosa.

O contexto político e histórico é fundamental na análise de notícias, especialmente aquelas relacionadas a temas internacionais. A falta de compreensão adequada desse contexto pode levar a interpretações equivocadas.

A pesquisa qualitativa, como a análise de discurso das notícias, envolve seus próprios desafios, incluindo a subjetividade na interpretação dos dados e a necessidade de manter consistência na análise..

## REFERÊNCIAS

AGNEZ, L. F. O jornalismo internacional entre mudanças e permanências. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Santa Catarina, v. 12, n. 2, p. 314-328, jul./dez. 2015.

BAHIA, A. L. A.; RIGUEIRA, M. R. C. e. **Internet e reconfiguração da prática jornalística**: a editoria internacional nos jornais Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo e em seus respectivos portais. Universidade Fumec, 2010.

BARREIROS, Daniel; GRASS, Pável Lavrenthiv. **Interpretações e Argumentos acerca da chamada “Guerra Fria 2.0”**. 2021.

BIAGI, Orivaldo Leme. **O imaginário da Guerra Fria**. Revista de História Regional, 2001. P. 61-111.

CÁDIMA, F. Das crises aos desafios do jornalismo na era pós-wikileaks. **Pesquisa em mídia e jornalismo**: homenagem a Nelson Traquina. Covilhã: Labcom, p. 234-253, 2012.

CASTELLI, Yasmin Lenz Piccoli et al. **A retórica da ascensão pacífica na política externa da China**: o legado de Mao Zedong no governo de Xi Jinping. 2023.

CHEN, An. On the Source, Essence of “Yellow Peril” Doctrine and Its Latest Hegemony “Variant”—the “China Threat” Doctrine: From the Perspective of Historical Mainstream of Sino-Foreign Economic Interactions and Their Inherent Jurisprudential Principles. *The Journal of World Investment & Trade*, v. 13, n. 1, p. 1-58, 2012.

CONTROLE da mídia na China dificulta o trabalho da imprensa e oferece risco para jornalistas. R7, internacional, 01 dez. 2022 disponível em:

<<https://noticias.r7.com/internacional/control-da-midia-na-china-dificulta-o-trabalho-da-imprensa-e-oferece-risco-para-jornalistas-01122022>> acessado 18/11/2023

COUTO, Sérgio Pereira. **A extraordinária história da China**. Universo dos Livros Editora, 2008.

DARÓZ, Carlos Roberto Carvalho. A última guerra da China: reflexões sobre o conflito sino-vietnamita de 1979. **revista brasileira de estudos estratégicos**, v. 12, n. 24, 2021.

DE SANTANA, Cristiane Soares. Notas sobre a História da Revolução Cultural Chinesa (1966-1976). **História Social**, n. 17, p. 115-131, 2009.

ERBOLATO, Mário L. **Técnicas de codificação em jornalismo**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1991.

FOLHA volta a ter correspondente na Ásia com posto em Taiwan. Folha de S. Paulo, Mundo, 25 fev. 2023 disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2023/02/folha-volta-a-ter-correspondente-na-asia-com-posto-em-taiwan.shtml>> acessado 07/11/23

FOUCAULT, M. (1969). A arqueologia do saber. Editora Forense Universitária.

GREGOLIN, Maria do R. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. Comunicação, mídia e consumo. **Revista da ESP**, São Paulo, vol. 4, n 11, p. 11-25, nov. 2007.

\_\_\_\_\_. **Discurso e mídia**: a cultura do espetáculo. São Carlos: Claraluz, 2003.

HIRATUKA, Célio; SARTI, Fernando. Relações econômicas entre Brasil e China: análise dos fluxos de comércio e investimento direto estrangeiro. **Revista Tempo do Mundo**, v. 2, n. 1, p. 83-98, 2016.

HOHENBERG, John. O Jornalista Profissional: guia às práticas e aos princípios dos meios de comunicação de massa. Rio de Janeiro: Interamericana, 1981.

HUGUENEY, Clodoaldo. O eixo sino-americano e as transformações do sistema mundial: tensões e complementaridades comerciais, produtivas e financeiras. In: **A China na nova configuração global: impactos políticos e econômicos**. Brasília: Ipea, 2011, p. 9-11.

JAPÃO perde para China posto de 2ª maior economia. G1, Economia, 14 fev. 2011 disponível em:

<<https://g1.globo.com/economia/noticia/2011/02/japao-perde-para-china-posto-de-2a-maior-economia.html>> acessado 29/04/23

KOLKO, Gabriel. Century of War – Politics, Conflicts, and Society Since 1914. Nova Iorque, The New Press, 1994

LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. Hegemonía y estrategia socialista. Madrid, España, 1987.

MANUAL DA REDAÇÃO FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo: Publifolha, 2021.

NATALI, João Batista. **Jornalismo Internacional**. São Paulo: Contexto, 2007.

OLIVEIRA, Henrique Altemani de. Brasil-China: trinta anos de uma parceria estratégica. **Revista Brasileira de Política Internacional**, v. 47, p. 7-30, 2004.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: princípios & procedimentos**. Campinas: Pontes, 2005.

\_\_\_\_\_. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6. ed. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2007.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. Uma ou duas Chinas? A “questão de Taiwan” sob o ponto de vista de uma comunidade chinesa ultramar (Ciudad del Este, Paraguai). **Civitas-Revista de Ciências Sociais**, v. 10, n. 3, p. 468 - 489, 2010.

RELATÓRIO aponta que China vive repressão à imprensa como da Era Mao. Veja, Mundo, 8 dez. 2021 disponível em:

<<https://veja.abril.com.br/mundo/relatorio-aponta-que-china-vive-repressao-como-da-era-mao>> acessado em 18/11/2023

SHENG, Li. Hong Kong e Xangai: a história de duas cidades na China. **Tempo Social** n.30, p. 171 - 190, 2018.

SILVA, Jorge Tavares da. Partidos políticos em Hong Kong. Janus 2020-2021-As relações internacionais em contexto de pandemia, 2021.

VILLAS BOAS, Pedro Xavier de Castro. **Liberdade de imprensa em Macau**: Uma mudança de paradigma? O caso de Hong Kong visto aos olhos dos jornais macaenses. 2022. Dissertação de Mestrado.

WILLIAMS, Kevin. International journalism. **Sage**, 2011.

ZAMIN, Angela. Jornalismo de referência: o conceito por trás da expressão. **Revista Famecos**: mídia, cultura e tecnologia, v. 21, n. 3, p. 918-942, 2014.